

TERRITÓRIO, RAÇA/COR E GÊNERO

ORGANIZADORAS:
VERA RODRIGUES
ARIADNE RIOS
MONA LISA DA SILVA




Pedro & João
editores



MULHERES
NEGRAS
RESISTEM

TERRITÓRIO, RAÇA/COR E GÊNERO

VERA RODRIGUES
ARIADNE RIOS
MONA LISA DA SILVA
(ORGANIZADORAS)



Pedro & João
editores



TERRITÓRIO, RAÇA/COR E GÊNERO



Pedro & João
editores

Copyright © Vera Rodrigues, Ariadne Rios, Mona Lisa da Silva, Janainna Pereira, Joice Lima, Sara Oliveira e Suellem Cosme.

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras.

Vera Rodrigues, Ariadne Rios, Mona Lisa da Silva, Janainna Pereira, Joice Lima, Sara Oliveira e Suellem Cosme.

Mulheres Negras Resistem: território, raça/cor e gênero. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 77p.

ISBN Nº 978-65-5869-041-2

1. Mulheres Negras Resistem. 2. Território, Raça/Cor e Gênero. 4. Vera Rodrigues, Ariadne Rios, Mona Lisa da Silva, Janainna Pereira, Joice Lima, Sara Oliveira e Suellem Cosme

CDD - 410

Capa: Paulo Rodrigues (fotografia) e Suellem Cosme (Colagem)

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Diagramação: Suellem Cosme

Revisão: Jeimes Paiva

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Melo (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil)



Pedro & João
editores

Pedro e João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2020

DEDICATÓRIA

“Dedicamos esse livro às mulheres negras que, de alguma forma, fazem o protagonismo feminino negro ser a re-existência de sua caminhada. Mulheres negras avós, mães, filhas e netas. Todas juntas, continuamos o caminhar de nossas ancestrais na luta contra o racismo, machismo e todo tipo de opressão. Sigamos resistindo e existindo!”

AGRADECIMENTOS

O projeto “Mulheres Negras Resistem”, surgiu do luto e foi à luta. Do momento de dor de uma perda ao surgimento de sementes e protagonismo. Marielle Franco, quando foi brutalmente assassinada, despertou e ainda propaga que a luta e as vozes de mulheres negras nunca poderão ser interrompidas. Inicialmente nossos agradecimentos são à ela, e toda sua família. Em seguida, destacamos as parcerias com outras mulheres negras que caminham conosco até os dias atuais, plantando e colhendo sementes. Então agradecemos, à Professora Zelma Madeira, por apoiar desde o início a proposta do curso. Da mesma forma agradecemos as nossas primeiras professoras formadoras: Rosalina Tavares, Carolina Bernardo e Luana Antunes, as quais disseram “Sim, estamos com vocês” e continuam ensinando e encantando nossas cursistas. E por falar delas, sim, nossos sinceros agradecimentos à todas elas, desde 2018 até hoje, são elas que fazem nosso projeto “curso de extensão” ter sentido. E as atuais professoras formadoras: Matilde Ribeiro, Joanice Conceição, Lara Silva, Denise Costa, Aurelia Rios e Silvania de Deus, por aceitarem nosso convite para contribuir com ações de protagonismo feminino e negro. À todas mulheres negras (e não negras, antirracistas), que de uma forma ou de outra, contribuíram do início até hoje, nos atos de intervenção e outras ações que foram realizadas. Também agradecemos à Escola Porto Iracema das Artes, a qual tem sediado nosso projeto. Por fim, agradecemos às nossas ancestrais que dão todo o sentido da palavra: “nossos passos vêm de longe”. Sigamos!

**“Para nós, negros, escrever e publicar é um ato político”
- Conceição Evaristo**



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO	19
1. MULHERES NEGRAS RESISTEM	16
Ariadne Rios	
Mona Lisa da Silva	
Vera Rodrigues	
1.1 DO LUTO A LUTA	17
1.2 QUEM SOMOS E PORQUE RESISTIMOS	18
1.3 EDIÇÃO 2018 - Ideias são à prova de bala	24
1.4 EDIÇÃO 2019 - Nossos passos vêm de longe	27
1.5 EDIÇÃO 2020 - Quem sabe de onde veio, sabe para onde vai	31
2. NOSSO PROTAGONISMO VEM DE LONGE	36
Ariadne Rios	
Mona Lisa da Silva	
Suellem Cosme	
2.1 AULAS INAUGURAIS	37
2.2 ATOS DE INTERVENÇÃO	39
2.3 IDENTIDADE VISUAL	47
2.4 DEPOIMENTOS DE NOSSAS CURSISTAS	48
2.5 DEPOIMENTOS DE NOSSAS FORMADORAS	57
3. TERRITÓRIO, RAÇA/COR E GÊNERO	59
Janainna Pereira	
Sara Oliveira	
Joice Silva	
3.1 EDIÇÃO 2018	60
3.2 EDIÇÃO 2019	65
3.3 EDIÇÃO 2020	69
REFERÊNCIAS	77

Devo dizer que o Projeto Mulheres Negras Resistem se apresenta no cenário contemporâneo como uma iniciativa antirracista e antissexista crucial para a perspectiva política emancipatória no Brasil. O objetivo maior é de compreender e fortalecer as interações, as relações entre nós mulheres negras nas dinâmicas atuais de fortes acirramento do autoritarismo, racismo e sexismo. Essas questões são tratadas nos capítulos que compõe esse livro, com destaque para a explicitação de como se operacionaliza esse Projeto do ponto de vista de quem dele participou.

Esse Projeto se revela semente, como outras iniciativas na vasta extensão territorial brasileira, após o fenômeno crítico ocorrido com a vereadora Marielle Franco naquele 14 de março de 2018. Posso afirmar que já vem sendo vitorioso em suas edições, a primeira de 2018 intitulada Ideias são à prova de balas, de 2019 – Nossos passos vêm de longe e 2020 – Quem sabe de onde veio, sabe para onde vai. Sua realização se dá por meio de encontros sistemáticos de mulheres negras com suas potencialidades voltadas a fortalecer às trajetórias e concretizar desejos plurais como ter êxito na elaboração e aprovação de projetos acadêmicos de mestrado, doutorado, projetos interventivos, profissionais e de organização política a partir da solidariedade e do lema que nos une – Nossos passos vêm de longe, uma sobe e puxa a outra.

Sem mais tardança se faz necessário a coletivização de nossos interesses, em dá sentido às nossas extensas pautas de luta contra o racismo, a estrutura social opressiva e discriminatória que nos retira oportunidades de “respirar”. Racismo compreendido como fenômeno que desumaniza, que nega a dignidade a pessoas e a grupos sociais com base na cor da pele, no cabelo, em outras características físicas ou da origem regional ou cultural. Este se renova de forma contínua e marca estruturalmente a distribuição desigual de acesso às oportunidades, a recursos, a informações, a atenção e a poder de decisão na sociedade, nas instituições e nas políticas de Estado. O mercado de trabalho e os processos educacionais são áreas importantes onde o racismo se coloca de forma contundente. É fato que mesmo diante de tantas vulnerabilidades e adversidades temos resistido, acessando nosso sistema ancestral, nos ancorando e nos guiado pelas histórias e memórias de luta por liberdade e justiça racial daquelas que vieram antes de nós.

Essa formação tem viés teórico-político, a partir das teorias do feminismo negro integra a luta política com rigor teórico metodológico. Caracteriza-se como importante ferramenta que oportuniza diálogos plurais e democráticos acerca das vulnerabilidades e resistências das mulheres negras. Contrariando o silenciamento, as falsificações existentes a respeito de nossa história como grupo étnico

superexplorado no âmbito do trabalho, discriminado racialmente e desumanizado de um lado, e de outro o medo de parte da sociedade de reconhecer as ricas possibilidades de resistir e reinventar a vida de negra/os.

As brasileiras negras são 59 milhões, o que representa 27 % da população do país, porém é fatia mais atingida com os piores índices de direitos básicos, como acesso à educação, saúde, emprego, rendimentos, participação política e moradia. Essas mulheres têm requerido reconhecimento étnico e justiça racial num país em que o racismo é estrutural, base fundamental das relações sociais, econômicas e políticas, dele se levanta todo o edifício nacional.

As mulheres negras têm sua identidade racializada, porém nos cabe o cuidado para não cair no subjetivismo, na armadilha do identitarismo. Para tanto, carecemos compreender nossas dinâmicas sociais, nossas práticas sociais perpassadas por condições objetivas próprias do modo como estamos organizados para produzir e reproduzir nossa existência. Pois a identidade racial é algo tecida numa cultura, tem a ver com as dimensões econômicas, políticas, sociais e culturais na qual estamos inseridos. A identidade é, portanto, algo objetivo vinculado a materialidade do mundo. São as relações concretas que sustentam as identidades sociais. Somos atravessadas pela identidade em tudo que fazemos ou deixamos de fazer na nossa vida (HAIDER, 2019).

Iniciativas como a do Projeto Mulheres Negras Resistem somam aquelas que querem descolonizar o olhar predominante na sociedade brasileira quanto aos corpos femininos, cuja base de sustentação encontra-se nos discursos: médico-científico, jurídico e religioso. É preciso desconstruir imaginários sociais discriminadores das mulheres negras, pois reproduzem práticas de violação de direitos, perpassadas de violências em todas as esferas da vida objetiva e na subjetiva, em particular no campo dos afetos.

Não está associada a nós mulheres negras os discursos de sexo frágil, do corpo delicado, que requer cuidados, numa visão essencialista do eterno feminino. E não estamos aqui reivindicando esse lugar. Mas não nos interessa a brutalização, a desumanização dos nossos corpos, a violação sistemática dos nossos direitos. No campo da saúde as estatísticas mostram essas práticas ao considerarem que as mulheres negras suportam mais dores que as brancas. São práticas punitivas para exercerem relações de poder e humilhação sobre nós como grupo étnico.

A ideia primeira do Projeto Mulheres Negras Resistem nasceu da Profa. Dra. Vera Rodrigues, graças a sua inventividade comprometida politicamente. No entanto, ganhou forma a partir das contribuições das mulheres negras formadoras e cursistas aqui no Ceará, as professoras, as ativistas, as estudantes, as jovens, as artistas e tantas outras unidas pelo objetivo de evidenciar o protagonismo do feminino negro e nordestino ao ofertar uma formação teórica e política de, para e com mulheres negras.

Vale dizer que o Projeto não se ancora simplesmente numa questão de despertar a consciência negra, vai além quando se configura como prática organizativa de nossa negritude. Interessa que as mulheres negras se

auto-organizem, ao tempo que não percam de vista o horizonte das estruturas macrosociedades opressoras, sem propalar uma identidade negra fixa ou cristalizada, mas com capacidade de se articular e apoiar outras mulheres, com o fim de construir e propor um novo pacto civilizatório. Como assim temos feito insistidas vezes nesse país, a exemplo em 2015 da Marcha das Mulheres Negras contra o Racismo, a Violência e pelo Bem Viver. Acredito que por tentar em todas as edições forjar alianças com outros coletivos e grupos capazes de criar laços, e com algumas instituições a adesão tem sido positiva, a participação considerável e com pouca evasão das cursistas. Muito embora esse projeto tenha demonstrado todo seu potencial de crescimento para ampliar seu público-alvo e incrementar suas ações, não só em Fortaleza e região metropolitana, pode avançar para outras regiões, tem se deparado com limites orçamentários e institucionais para sua ampliação.

A riqueza desse e-book *Mulheres Negras Resistem: território, raça/cor e gênero* organizado por Vera Rodrigues, Ariadne Rios e Mona Lisa da Silva está em contar uma experiência que aposta no poder que tem as mulheres negras atuando em coletividade, pois historicamente as mulheres negras são silenciadas, invisibilizada e negligenciadas pelas políticas públicas e pelas produções acadêmicas. Embora sejam protagonistas de relevantes articulações, nacionais e internacionais, que alcançam conquistas significativas para a população negra – somos invisibilizada e desautorizadas a falar.

Muitas das mulheres negras na trama social se apropriam de símbolos essenciais na constituição da sociabilidade para resistir e melhor viver numa sociedade desigual. Considero salutar para nós fortalecer nos combates cotidianos o feminino de Iansã experienciado na cultura e religião de matriz africana no Brasil. Quais características define esse orixá? Iansã ou Oiá é guerreira, cujo feminino se configura a partir de contradições, essas verdadeiramente humanas, entre aquela que tem uma sensibilidade e tem uma força, entre a que representa o búfalo com a força e ao mesmo tempo a sensibilidade da borboleta. É versátil e com a capacidade de se metamorfosear assumindo diferentes formas e papéis, numa multiplicidade de funções para sobreviver. É desejo nosso, por meio do Projeto Mulheres Negras Resistem, encontrar a força desse feminino e exprimir modos plurais de viver, fortalecendo em nós a disposição para resistir e recriar as práticas cotidianas, acreditando que outro mundo com Bem Viver é possível construir.

Quero expressar minha enorme gratidão de ser parte desse Projeto guiado por uma prática política revolucionária.

Fortaleza, 01 de Novembro de 2020
Zelma Madeira



Coordenadora da CEPPIR – Coordenadoria Especial de Políticas para promoção da Igualdade Racial do Ceará(2015), Professora do Curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Ceará e Coordenadora do NUA Afro- Laboratório de Afro brasilidade, gênero e família da UECE.

INTRODUÇÃO

O ano era 2018 e o mês era março, ali especificamente no dia 14, fatos chocantes marcaram a luta das mulheres negras no país. Calaram uma voz, mas ressurgiram tantas outras vozes. Como porta voz inicial, e durante pensamentos, construções e escritas, um esboço de um curso foi pontuado na agenda. Diante disso, apresentei essa ideia a outras 2 mulheres negras que, de imediato, uniram-se e assim emergiu o “Projeto Mulheres Negras Resistem: processo formativo teórico-político para mulheres negras”. Tudo foi encarado com seriedade, compromisso e assim, diante do símbolo africano “Adinkra” (Coragem, Bravura e Heroísmo) escolhido por unanimidade, estávamos conectadas as nossas referências ancestrais que marcariam nossa trajetória coletiva de vida.

Coragem, para ultrapassar os obstáculos que pudessem vir a atrapalhar nossa ideia e levar adiante a construção e realização do projeto.

Bravura, partia do nosso comportamento de não termos medo daquilo que realmente queríamos para a sociedade que estamos vivendo e enfrentamos (a não visibilidade da população negra).

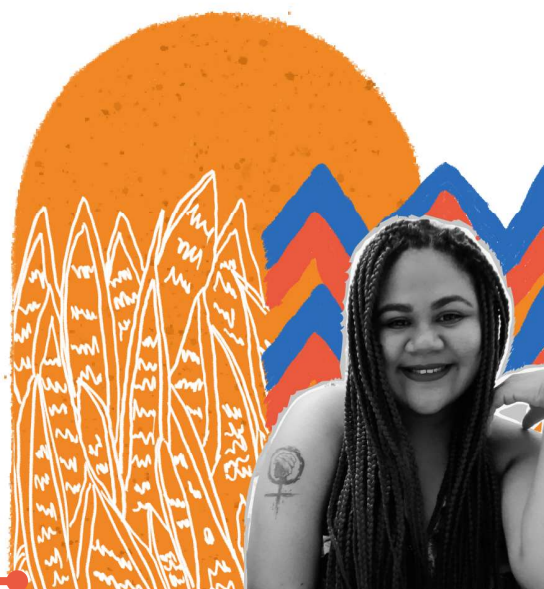
Heroísmo, sim, nossas ancestrais são heroínas negras. Somos, então, frutos de nossas re-existências, partimos da construção do “Sou porque Somos”, “Nossos passos vem de longe”, e é através desse alinhamento político que nossas superações ao racismo, sexismo, machismo e patriarcado se fazem possíveis, pois quem “sabe de onde vem sabe para onde vai”.

Somos mulheres negras, que exercemos nosso protagonismo feminino e negro no estado que nega a existência da população negra, e na sua capital, marcada pela exclusão da população negra.

Vera Rodrigues: antropóloga, professora na Unilab Universidade da Integração internacional da Lusofonia Afro-brasileira. Coordenadora do projeto “Mulheres Negras Resistem”.



Mona Lisa Silva, coordenadora do projeto Mulheres Negras Resistem, é Mestra e Doutoranda em Antropologia, Escritora Periférica e exerce funções e ações importantes na construção da sua escrevivência, tal como nos instiga Conceição Evaristo.





Ariadne Rios, coordenadora do projeto Mulheres Negras Resistem, é Mestra em Sociobiodiversidade e Tecnologia Sustentáveis, Especialista em Gestão Pública, e Graduada em Administração de Empresas e integrante da Rede de Mulheres Negras do Ceará.

Sara Oliveira, cursista da edição de 2019 e bolsista do projeto, é graduanda em Letras pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, professora da rede pública de ensino e artista plástica.



Joice Lima, cursista da edição 2020 e bolsista do projeto, é graduanda no Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Janainna Pereira, cursista da edição de 2018, é Antropóloga, Mestra e atualmente doutoranda em Antropologia, onde desenvolve pesquisa sobre religiões afro-brasileiras, patrimônio e espaço público.





Suellem Cosme, Designer e Gravurista, estudante de Design na Universidade Federal do Ceará, bolsista de Pesquisa e Design, em busca de produzir um design de(s)colonial, acessível e inclusivo.

Todas mulheres negras atuantes do exercício do protagonismo feminino negro, na sociedade civil, sendo representantes para a luta da política pública na promoção da igualdade racial. Como reflexo disso lançamos nosso E-Book, fruto da nossa seleção no edital “ Reconexão Periferias ” promovido pela Fundação Perseu Abramo (FPA) e Fundação Friedrich Ebert (FES). Nós concorremos com a proposta de pesquisa “Território, Raça/Cor e Gênero ”, a qual corresponde ao capítulo 3 do nosso E-book.

Nosso E-Book é composto por três capítulos que apontam para nosso histórico, protagonismo e Elaboração de texto em base do mapeamento territorial de ações de protagonismo feminino e negro nas áreas periféricas da cidade de Fortaleza/CE. Esse mapeamento tem como universo de pesquisa os projetos desenvolvidos por nossas cursistas das turmas de 2018, 2019 e 2020, sendo um trabalho desenvolvido por jovens pesquisadoras, egressas das referidas turmas do nosso projeto.

1. MULHERES NEGRAS RESISTEM:



Fotografia de Bernardo Guerreiro

1.1 DO LUTO À LUTA:

Marielle Franco foi morta naquele 14 de março de 2018. E nós, mulheres negras, vivenciamos a dororidade na perspectiva de Piedade (2017). Era um sentir. Era uma dor que “contém as sombras, o vazio, a fala silenciada, a dor causada pelo racismo. E essa dor é preta”. Marielle, mulher negra, estava morta. E essa dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele por dizer muito de trajetórias coletivas de vida marcadas pela experiência comum do racismo, especialmente o racismo que mata. Estruturalmente mata.

Segundo dados do “Atlas da Violência” do IPEA – Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas, em 2015 65,3% das mulheres mortas no país eram negras. Em uma década – de 2005 a 2015 – há uma curva ascendente no percentual de homicídios contra mulheres negras em torno de 22%. Já em relação às mulheres brancas essa curva é descendente na marca dos 7,4%. Esses números são indicadores estatísticos da morte e da dor, ou seja, como não dizer – e muito menos não sentir – a especificidade dessa dor traduzida no conceito de dororidade? Esse questionamento vem acompanhado de outro: o que essa trajetória diz de mim? De nós? De Marielle? Por que nos identificamos com Marielle? Como resistimos ao racismo? E respondemos que não estamos encapsuladas na dor ou num pretensso papel de sujeito passivo, mas sim no exercício contínuo de reiterar que “Vidas negras importam”. Nossas vidas importam.

Ou simplesmente como um grupo de mulheres com punhos erguidos bradavam no enterro de Marielle: mulheres negras resistem. O grito delas ecoou do sudeste ao nordeste, do Rio de Janeiro à Fortaleza, das cariocas às nordestinas. E quando aqui chegou na “Terra do Sol” como é conhecido o Ceará, inicialmente parecia um grito preso na garganta. Um sentir doloroso, latejante e sem fim. Mas, o tempo-senhor de todas as demandas-, converteu esse sentir, em um refletir e um agir pautados pelo protagonismo feminino, negro e nordestino. Afinal, “A gente combinamos de não morrer” como já dito pela escritora Conceição Evaristo e, sementes não morrem quando enterradas. Germinam.

Esse tripé baseado em um protagonismo feminino, negro e nordestino veio alicerçado em outro: a ideia de realizar um curso de formação teórica e política de, para e com mulheres negras. Assim, referências teórico-políticas, cursistas e formadoras são mulheres negras. Essa perspectiva ganha relevância na realidade social cearense. Na “Terra do sol” negros(as) não existem. Assim diz o discurso oficial que exalta o pioneirismo abolicionista ocorrido em 1884; a figura do Chico da Matilde ou como ficou reconhecido o “Dragão do Mar”. Aliás, Matilde era o nome da mãe dele. Uma mulher negra de quem pouco ou nada se sabe. Dele a historiografia oficial registrou ser um jangadeiro que liderou uma greve em que a mercadoria – o negro(a) escravizado, a carne mais barata do mercado – não era transportada em nenhuma jangada do litoral cearense do século XIX. Esse é o símbolo de uma resistência do Brasil escravocrata.

Uma escravizada que teria sido castigada com a mutilação de um seio e, posteriormente a morte por ter ocasionado a morte do filho do seu senhor, de quem era ama-de-leite. Ela é retratada em um painel cuja pintura mostra uma mulher negra, nua e de joelhos. De suas mãos, erguidas para o céu, pendem correntes arrebitadas. A interpretação local é de que ela agradece a Deus pela liberdade recebida na morte.



Fonte: Fotografia de Paulo Garcia

Esses símbolos de resistência do passado ganham outros contornos, quando nos perguntamos sobre as formas de resistir no presente. A Matilde, valorizada enquanto mãe do herói e a “Negra Nua”, valorizada enquanto mártir da escravidão, dão lugar ao protagonismo feminino e negro de mulheres cearenses em uma experiência que une ativismo e academia na disputa por narrativas de quem são as “Mulheres Negras Resistem”?

1.2 QUEM SOMOS E PORQUE RESISTIMOS.

Para trilhar o caminho das “Mulheres Negras Resistem” a escolha das cursistas passa por um processo seletivo em que elas preenchem um questionário online com dados pessoais: nome, endereço, escolaridade, ocupação ou profissão. Para além dessas informações que nos ajudam a traçar um perfil do grupo, há duas questões norteadoras do processo: como a candidata se declara em termos de raça/cor e qual a sua motivação para realizar o curso.

Na 1ª edição do curso em 2018, oferecemos vinte e cinco (25) vagas em função do espaço disponível, bem como priorizarmos um grupo pequeno para um projeto que estava no seu início. Para nossa grata surpresa e confirmação de que estávamos no caminho, obtivemos noventa e duas (92) inscrições. Isso se tornou valioso para um projeto-piloto em um estado em que se diz que negras(os) não existem.

Sobre o pertencimento racial: 47,8% das inscritas se autodeclararam negras, seguidas de 20,7% como pardas e 3,3% autodeclaradas brancas. No percentual restante (28,2%) houve adesão à categoria “outros” em que termos como “negra/preta”, “pretinha”, “preta” e “negro” (inscrição masculina) foram acionados. Em nossa análise prevaleceu uma identificação com o ser negra, ainda que as variações existentes indiquem as nuances presentes na etiqueta das relações raciais e na construção do processo identitário, especialmente no estado do Ceará.

Em termos de atuação social, 64,1% das inscritas informaram ser estudantes (alunas de graduação em universidades públicas); 21,7% ativistas (atuantes em organizações do movimento negro ou de mulheres, partidos políticos e organizações não-governamentais) e 14,1% destacaram outras formas de atuação social, tais como donas de casa, trabalhadoras informais e mães.

O perfil estudantil destacou-se nesse momento, acreditamos em função do ingresso crescente de universitárias negras no cenário acadêmico das universidades em que atuamos, bem como de uma rede de contatos estabelecida, a partir de coletivos estudantis e/ou redes sociais que conectam essas estudantes. O ativismo e as outras formas de experiências como mulheres negras compõem um quadro que nos é bem-vindo e estimulante: a heterogeneidade que possibilita (re) leituras da realidade social e consequente construção de estratégias políticas e epistemologias.

E, por falar em realidades sociais verificamos no item moradia que nossas inscritas eram moradoras de bairros periféricos ou dos municípios da região metropolitana de Fortaleza. Também houve interesse de mulheres quilombolas, dois casos apenas, mas que por questões de deslocamento do território ou situação familiar não deram continuidade à participação no processo seletivo. Nesse sentido, sinaliza-se a potência advinda desses espaços e o potencial multiplicador que o projeto pode ter, a partir do exercício do protagonismo feminino e negro dessas mulheres.

Para abordar a motivação para participar do projeto, selecionamos algumas respostas dadas a essa questão. Inicialmente, observamos que a autoidentificação como mulher negra era o ponto de partida e a maior razão para querer compartilhar aquele espaço com as suas iguais, como apontam os trechos abaixo:

Creio que mulheres negras juntas são revolucionárias.
Desejo tratar revoluções com as minhas. (n52)

¹ As respostas não contêm identificação das respondentes, apenas a numeração correspondente à ordem de acesso ao questionário online.

Porque sou uma jovem negra que acredita e luta pelo reconhecimento e valorização da importância e do papel da mulher negra na vida, na sociedade e no mundo. (n64)

Compartilhar vivências e conhecimento com outras mulheres negras, o projeto nos convida a crescer e pautar o protagonismo da mulher negra em todos os ambientes que nos é negado e é nosso por direito. Bem como estar aberta a novos conhecimentos e problemáticas. (n69)

Eu, enquanto mulher negra, tenho a necessidade de me conectar com outras iguais a mim e de me fortalecer no debate e leitura de tudo o que permeia nossas vivências. Estudo na área da comunicação e tento transformar essa realidade tão colonizada da publicidade. Meu projeto de TCC é sobre a comunidade quilombola de Horizonte - Alto Alegre, suas vivências e conquistas, e acredito que seria de extrema importância, ter mais esse suporte na busca pelo conhecimento com a ajuda de vocês. (n72)

Sou mulher, negra, mãe e periférica e por me tornar cada vez mais consciente do meu lugar nesta sociedade racista, machista e classista é que gostaria de contribuir de forma prática (na luta) e teórica (na produção de conhecimento) para o fortalecimento do movimento de resistência de mulheres negras. (n91)

Eu como mulher negra, Quilombola militante estou sempre à procura de novos conhecimentos para ser repassados para meu povo. (n92)

Nessa abordagem analítica a existência do “eu negra” é parte do “nós negras”, o que pode potencializar para além do pertencimento como sujeito, o viés do coletivo. Temos assim algo que nos é caro para pensarmos em formação de redes, coletivos ou outra denominação que se queira dar ao compartilhamento de experiências que nos interligam, aproximam e fomentam nosso protagonismo.

Outra razão identificada por nós foi a necessidade de estarmos juntas. De termos uma experiência vivida entre nós. Isso era algo de que não tínhamos absoluta certeza ao pensar o projeto como uma experiência endógena, de nós para nós. Isso porque há uma forte tendência em pluralizar os debates e encontros entre grupos sociais diversos na busca de uma linguagem comum e superação de adversidades, em prol da unificação das lutas de todos(as) que enfrentam a matriz de opressão constituída por raça, gênero e classe.

Além disso, o movimento negro de forma geral, já experienciou esse formato de proximidade quando pequenos grupos se organizavam em

um processo de (re)descoberta de si e dos seus, por meio do contato com seus referenciais históricos, artísticos e políticos. Eu vivenciei esse formato na década de noventa do século XX e nos primeiros anos do século XXI quando participei, respectivamente, da CICAB -Cooperativa Integrada de Cultura Afro-brasileira e do Cecune - Centro Ecumênico de Cultura Negra, ambas experiências localizadas no cenário gaúcho. Então, a dúvida girava em torno da necessidade desse formato em 2018. Seria necessário? Vejamos as respostas recebidas:

Como afirma Alice Ruiz: “a história foi feita pelos homens, escrita e analisada pelos homens, inclusive as mulheres” A mulher negra, portanto, representa na história da sociedade a escória da escória. É urgente possibilitar o protagonismo e o aumento da auto-estima da mulher negra, para que a partir da afirmação de identidade, possamos debater e acessar direitos. Desse modo, vejo nesta oportunidade uma possibilidade extraordinária de, a partir de uma formação, contribuir com a construção de novas perspectivas e atuação -enquanto mulher negra - para mulheres negras. (n51)

Para aprender mais sobre minha ancestralidade, conhecer o que foi tirado de mim e poder passar para mais mulheres da periferia que moro. (n81)

Faço parte de um coletivo de negros e negras que atua na periferia, elaboramos atividades que englobam o protagonismo negro resgatando a identidade e cultura negra de modo que possamos nos valorizar e combater as contradições e a segregação racial institucionalizada. Vejo a necessidade de buscar sempre novos espaços e conhecimento que possam me ajudar a construir e efetivar nossas ações visando a organização, planejamento e a ação de nosso povo. (n60)

Compartilhar vivências e conhecimento com outras mulheres negras, o projeto nos convida a crescer e pautar o protagonismo da mulher negra em todos os ambientes que nos é negado e é nosso por direito. Bem como estar aberta a novos conhecimentos e problemáticas. (n71)

Venho em busca de cursos como este faz tempo, por diversos motivos. O primeiro deles em razão de ter me mudado recentemente para o Ceará (vinda de Minas Gerais) e não ter encontrado até um momento um grupo de pessoas cuja luta eu me identificasse para discutir questões de raça. Além disso, nunca tive a oportunidade de participar de discussões e cursos que discutiam questões raciais com recorte de gênero, sempre o papel masculino está em destaque. (n77)

Essas demandas pela experiência coletiva se concretizaram durante os encontros em sala de aula. A valorização do espaço como algo único e nosso apareceu como ponto comum no processo avaliativo ao final do curso. Outro ponto que corrobora a validade dessa experiência veio de relatos posteriores de quem já havia participado de grupos de mulheres em geral, sem o recorte racial como fio condutor.

As cursistas relataram que vivenciavam um silêncio constante da experiência de serem mulheres negras, traduzida na primazia dada a uma ideia homogeneizadora de “mulheres periféricas” ou de “sujeitos vulneráveis”. Isso nos mostrou a relevância da nossa perspectiva de um processo formativo teórico-político de, para e com mulheres negras.

Por fim, outra razão que sobressaiu para participar do curso foi o entendimento sobre a conjuntura política nacional que afeta – e muito – a população negra, especialmente as mulheres.

Por acreditar que esse é um espaço fundamental diante da conjuntura que nós vivemos; e por ter nitidez que só iremos mudar a estrutura colonial, racista, patriarcal e Lgbtofóbica que sustenta nossa sociedade quando colocarmos pessoas que historicamente foram excluídas dos espaços de poder, no poder. Pois quando uma mulher entra na política, muda a mulher. Mas quando várias mulheres e mulheres pretas entra na política, se muda a política. (n56)

É muito importante que essas iniciativas aconteçam, em sua maioria, moradoras de sobretudo com o assassinato de Marielle! Que as mulheres negras estejam juntas, aprendendo, trocando e se fortalecendo!! Além de ser integrante do NUAURO e entendo que participar desse espaço será maravilhoso! Também estou me propondo a estudar no mestrado sobre mulheres quilombolas! (n42)

Por eu ser uma mulher negra e militante dos direitos humanos. Passamos por momentos tristes devido à nossa questão racial, a sociedade está naturalizando a morte de mulheres negras. Alguém precisa fazer resistência. (n79)

Eu me interessei por esse projeto por conta do público alvo do projeto que são: mulheres negras, ativistas ou estudante, visto que no Brasil a carne que mais mata e a carne negra. (n86)

Lutar pelo movimento que fomente a ocupação desses corpos negros dentro e fora da universidade, que essas questões nos levem a questionar as violências sofridas por mulheres negras periféricas e levar esses discursos para diversas esferas do nosso meio social, principalmente aquelas que pouco tem acesso ao ensino onde essas discussões não alcança. (n89)

Processo de formação política para as mulheres negras é de extrema importância para a construção e fortalecimento de nossa identidade. É necessário estarmos atentas a isso para continuarmos na luta, pois fomos e somos forjadas na batalha. (n12)

Nessas falas ressaltam-se o impacto causado pela execução de Marielle Franco como potencialmente simbólico da naturalização da morte de outros corpos negros. Falemos de feminicídio ou genocídio da juventude negra é marcante uma necropolítica do estado aos moldes do que nos traz o filósofo Achille Mbembe sobre como o exercício da soberania reside “no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer”. Esse tenso diálogo entre Estado, sociedade, morte e vida nos levou ao exercício da luta por democracia na sala de aula e nas ruas de Fortaleza.



1.3 EDIÇÃO 2018: IDEIAS SÃO À PROVA DE BOMBAS.

O projeto de extensão “Mulheres Negras Resistem: processo formativo teórico-político para mulheres negras” emerge como uma ideia de fomentar o protagonismo feminino e negro, por meio da formação de quadros de representação social e política. Tal representação pensada para atingir espaços públicos e privados, tais como universidades, movimentos sociais, organizações governamentais e não-governamentais. Para isso nos alinhamos em uma perspectiva teórico-política com ênfase no feminismo negro, pautas democráticas e luta antirracista.

Foi com essa perspectiva que uma pequena equipe de trabalho formada por docentes negras de universidades públicas e estudantes também negras iniciaram os primeiros passos para tirar essa ideia do papel e dar-lhe concretude. E, como dizia a socióloga Luiza Bairros (1953-2016): “em uma sociedade racista e machista mulher negra tem que ter nome e sobrenome, se não o racismo põe o nome que quiser”, nosso grupo de diálogo e trabalho foi formado pelas professoras Vera Rodrigues (Unilab) e Zelma Madeira (UECE), e as pós-graduandas Ariadne Rios e Mona Lisa da Silva.

Em abril de 2018, fizemos nossa 1ª reunião de trabalho na qual definimos o cronograma, formato e estrutura do projeto. Adotamos o formato de um curso de extensão para fortalecer o vínculo entre universidade e sociedade. A estrutura de viabilização e manutenção do projeto se deu via parcerias de professoras negras, uma antropóloga e uma assistente social, ambas coordenadoras de núcleos de pesquisa² em universidades públicas. Dessa parceria afetiva, teórica e política construímos as bases epistemológicas e concretas para a viabilização do projeto.

Cabe dizer que a epistemologia, substantivo feminino, soa aos nossos ouvidos e sentidos como o que Patricia Hill Collins (1990) escreveu na introdução do seu Livro “Pensamento Feminista negro” como colocar as “experiências e ideias das mulheres negras no centro da análise”³. Essa perspectiva define o nosso fazer teórico e político de, para e com mulheres negras. Ou seja, realizamos um curso para mulheres negras, ministrado por professoras negras e com um referencial teórico-político de intelectuais negras.

² No meu caso, o Centro de Estudos Interdisciplinares Africanos e da Diáspora – Ceiafrica, vinculado à Unilab – Universidade da Integração internacional da Lusofonia Afro-brasileira. Do outro lado, a professora Zelma Madeira, coordenadora do Nuafro - Laboratório de Estudos e Pesquisas em Afrobrasilidade, Gênero e Família), da Universidade Estadual do Ceará (Uece)

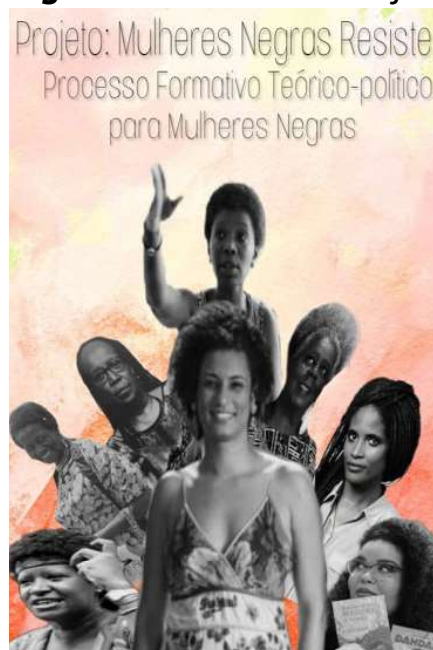
³ Trecho de “Black Thought Feminist” traduzido por Aline Rossi. Disponível em: <https://feminismocomclasse.wordpress.com/2017/07/02/pensamento-feminista-negro-traduzido-prefacio/>

Em maio de 2018 lançamos o projeto “Mulheres negras Resistem: formação teórico-político para mulheres negras” em Fortaleza/CE. A primeira aula teve como tema: ideias são à prova de balas. Queríamos com isso demarcar nossa aposta na vida e na resistência de mulheres negras frente à imposição da morte física e/ou invisibilidade social. Para isso, partimos do foco no mundo das ideias, no pensamento que leva à formulação de teorias e na educação como um caminho e um direito social. Nessa ocasião dentre 92 inscritas, selecionamos 25 mulheres negras entre estudantes, ativistas e trabalhadoras oriundas, especialmente, das periferias da cidade. Nosso objetivo: fomentar o protagonismo feminino e negro, por meio da formação de quadros de representação social e política em espaços públicos e privados. Esse direcionamento veio alinhado às perspectivas teórico- políticas do feminismo negro, democracia e luta antirracista.

PRIMEIRA REUNIÃO DE TRABALHO



Figura 1 - Cartaz do Projeto



Fonte: Acervo do projeto.

Esse foi o nosso material de divulgação elaborado por uma de nós⁴, como parte do esforço conjunto para a realização de um projeto que reflita nosso protagonismo feminino e negro. Nessa perspectiva, buscamos uma imagem que fosse representativa de trajetórias coletivas de vida de mulheres negras. Essa centralidade em suas experiências e ideias se coadunam com uma contribuição teórica e política que elas evocam.

Dado esse primeiro passo, estruturamos o curso em módulos temáticos compostos cada um por dois a três encontros quinzenais, no período de maio a novembro daquele ano, totalizando uma carga horária de 40 horas. O quadro a seguir expõe esse arranjo:

Quadro 1 - Organização dos módulos temáticos

Módulo Temático	Intelectual Negra de referência	Formadora
Ideias são à prova de balas	Marielle Franco Lélia Gonzalez	Vera Rodrigues UNILAB
Nossos passos vêm de longe	Jarid Arraes	Vera Rodriguez UNILAB
Nós por nós	Juliana Borges Vilma Piedade	Luana Antunes/UNILAB Zelma Madeira/UECE
Feminismos Negros	Djamila Ribeiro Flávia Rios Regimeire Maciel	Carolina Bernardo UNILAB
Estado, Democracia e Políticas Públicas	Winnie Bueno Suelen Aires Gonçalves	Rosalina Tavares UNILAB

Fonte: Elaboração da autora.

⁴ Arte elaborada por Mona Lisa da Silva, mestra em antropologia (Ufc/Unilab), escritora e integrante da equipe de coordenação.

Os módulos foram nomeados com base no contexto sócio-político de luta das mulheres negras, atentando para expressões de ativismo e produção de conhecimento. Esse cuidado visa que cada cursista e formadora se reconheça nesse processo formativo e que isso faça sentido em suas trajetórias coletivas de vida. No dia 14 de maio de 2018 demos início ao primeiro módulo e o encerramento se deu em novembro com a cerimônia de entrega simbólica de certificados.

Em cada módulo, também estava previsto atos de intervenção. Esses momentos se constituem em ações que ocorrem em espaços públicos e podem ter formatos diversos: roda de conversa, sarau, cine-debate, etc. Tanto os módulos quanto os atos de intervenção são pensados de forma a estimular o protagonismo das cursistas em diálogo com um público externo, formado em sua maioria por outras mulheres negras.

Assim, são aplicadas técnicas que aliem a experiência vivenciada enquanto mulheres negras com referencial teórico-político que permita reflexão e aplicação do conteúdo desenvolvido. Por conta disso fazemos uso de leituras seguidas de debates, dinâmicas de grupo, elaboração e produção de material audiovisual com depoimentos das cursistas e produção de textos. Para fins de registro e sistematização das atividades mantêm-se dados atualizados sobre o desenvolvimento do curso e suas etapas nas redes sociais; compartilhamento e participação em ações de redes e coletivos de mulheres negras e questionários de autoavaliação ao final de cada módulo.

1.4 EDIÇÃO 2019: NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE.

O módulo “Nossos passos vêm de longe” dá nome a esse tópico sobre a edição 2019 do nosso projeto. Acreditamos que ele ressalta a experiência as trajetórias coletivas de vida que constituíram nossas cursistas. Estamos dando mais um passo na consolidação desse projeto com mulheres negras vindas de várias partes da cidade com expectativas e motivações para estar ali.

Em nossa segunda edição, ampliamos o número de vagas e selecionamos 40 mulheres negras. Importante destacar que em 2019 recebemos 806 inscrições de mulheres negras do Ceará e de outros estados do Brasil e da Diáspora, o que além de despertar em nós tamanha satisfação e a certeza de que estávamos trilhando o caminho certo, evidenciou também a importância da construção de espaços de, para e com Mulheres Negras. O perfil da turma foi o seguinte:

No que se refere ao pertencimento racial 90,4% das inscritas se autodeclararam pretas/negras, seguidas de 9,3% como pardas, 0,7% autodeclaradas brancas e 0,4% autodeclaradas indígenas. Obtivemos ainda a adesão de uma inscrição masculina. Em nossa análise prevaleceu uma identificação com o ser preta/negra.

Já em termos de atuação social, novamente o percentual de estudantes prevalece, posto que 37 % das inscritas informaram ser estudantes (alunas de graduação e pós-graduação em universidades públicas); 35,2% ativistas (atuantes em organizações do movimento negro ou de mulheres, partidos políticos e organizações não-governamentais) e 27,8% destacaram outras formas de atuação social, tais como donas de casa, trabalhadoras formais, informais e mães.

Verificamos ainda que no item moradia nossas inscritas, tal como no ano de 2018, eram moradoras de bairros periféricos ou dos municípios da região metropolitana de Fortaleza. Também houve interesse de mulheres negras da Diáspora, estudantes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) e residentes da cidade de Redenção (6 inscritas de Guiné-bissau, 2 de Cabo Verde e 1 de São Tomé e Príncipe) e 1 inscrição da Colômbia, mas por questões de deslocamento do território, apenas uma das selecionadas deu continuidade à participação no Projeto Mulheres Negras Resistem.

Percebemos que as motivações para participar do projeto eram semelhantes ou as mesmas da turma de 2019. Assim, sobressaiu a auto identificação enquanto mulher negra, bem como a necessidade de fortalecimento dessa identidade feminina e negra, a conjuntura política, projeto como espaço teórico-político que ajudaria as cursistas a ampliarem o que foi aprendido/vivenciado e necessidade de estarmos juntas que desde as cursistas de 2018 veio a partir da ideia de aquilombamento.

Os trechos a seguir exemplificam a auto identificação enquanto mulheres negras e a busca pelo fortalecimento dessa identidade.

Primeiramente por querer me conectar com as minhas, tanto através dos debates teóricos a partir da leitura de intelectuais negras, quanto com as mulheres negras que irão fazer parte desse projeto, principalmente nesse período de retrocessos em que nós mulheres negras temos nos sentidos muito fragilizadas diante dessa sociedade machista e racista, que nos mata todos os dias mais um pouco, através das oportunidades que nos são negadas, dos nossos corpos que são desumanizados, hipersexualizados e violentados, da solidão que nos rodeia nos ambientes acadêmicos por ainda estarmos em uma minoria de mulheres negras que conseguem entrar e permanecer nesse ambiente, principalmente nas pós-graduações, da solidão em nossas relações afetivas, entre várias outras coisas que nos afeta cotidianamente. Participar deste projeto vai para além de puramente uma formação teórica, até porque a própria proposta do projeto é uma formação “teórico política”, dessa forma, participar desse projeto significa para mim uma tentativa de fortalecer minha identidade e minha resistência (n.611).

Para fortalecer a luta da mulher negra contra o preconceito, discriminação exclusão e invisibilidade do povo negro na sociedade brasileira (n.08).

Para fortalecer a luta da mulher negra contra o preconceito, discriminação exclusão e invisibilidade do povo negro na sociedade brasileira (n.08).

Para fortalecer minha identidade , além de encontrar novos referenciais de intelectuais negras. Este projeto chega em boa hora, momento em que estou escrevendo minha monografia e entro em conflito com a academia por não reconhecer os saberes produzidos pela população negra e por colocar minha escrita numa lugar inferior e hierarquizar os saberes. Procuro, ao fazer parte deste projeto, encontrar pessoas que possam me incentivar a continuar minhas pesquisas sem medo da academia que é branca-hétero-racista-sexista e diz o tempo todo que este lugar não para as mulheres negras. E nos continuamos dizendo que este lugar é nosso por direito. O encontro com mulheres e suas produções me instiga e me fortalece (n28).

Me fortalecer junto com outras manas, para enfrentar os vários tipos de violência que estamos vivendo, de forma crítica e consciente , que eu possa de alguma forma contribuir para que outras mulheres do espaço que eu vivo possam se reconhecer e orgulha-se de sua negritude (n15).

Nessas falas, destacam-se primeiramente as diversas opressões e estigmas que mulheres negras sofrem, o que faz com que a busca pelo fortalecimento da identidade feminina e negra, bem como o desejo de posituação de sua negritude e de outras mulheres negras ainda seja algo a ser alcançado. Além disso, observamos a relação dolorosa e problemática entre negritude e academia, tal qual nos aponta Grada Kilomba em seu livro “Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano” (2019). Em todos os trechos, percebemos também o desejo e necessidade de fortalecimento através do estarmos juntas. Os trechos a seguir reforçam esse pensamento.

Pela necessidade de me aquilombar com aquelas que são iguais a mim, para criar e tramar possibilidades de resistência e reexistência cotidianas, costurando parcerias e laços de afetividade. Bem como agregar e compartilhar saberes e fazeres epistêmicos afrocentrados (n11).

É preciso aquilombar-se para nos mantermos fortes e unidas (...) Vi no último curso, as mulheres maravilhosas que entraram, presenciei o início (abertura) e o final (encerramento), vi no olhar delas não só a sabedoria que é engrandecedora a todo momento, mas vi também a resistência, o amor, a paz e o mais importante, o quilombo da qual construíram e que estão disposta a fortalecer mais e mais. E é isto que precisamos, nos aquilombar (n.36).

Acredito no poder que as mulheres negras organizadas têm! Nos lugares que frequento, principalmente universidades, ainda somos poucas. Me sinto só e gostaria de mudar isso. Quero ver mais gente preta nos espaços privilegiados que consegui acessar (n9).

Assim como em 2018, a possibilidade de estar junto “com aquelas que são iguais a mim” foi algo bastante destacado, o que evidencia a necessidade que mulheres negras ainda sentem de se articularem coletivamente para não só se fortalecerem, mas também planejar os próximos passos na construção de uma sociedade menos racista, patriarcal, machista e sexista.

Ao longo dos nossos encontros fomos nos “aquilombando”, trocando e aprendendo cada vez mais sobre nós, a partir do diálogo com referências teórico-políticas de mulheres negras:

Em 2019 estruturamos o curso em módulos temáticos, tal qual fizemos em 2018. A estruturação do curso pode ser visualizada melhor no quadro abaixo:

Quadro 2: organização dos módulos temáticos 2019

Módulo Temático	Intelectual Negra de referência	Formadora
Ideias são à prova de balas	Marielle Franco Lélia Gonzalez	Vera Rodrigues UNILAB
Nossos passos vêm de longe	Jarid Arraes Suelen Aires Gonçalves Leila de Andrade Linhares Barsted	Vera Rodrigues Rosalina Tavares Zelma Madeira
Nós por nós	Djamila Ribeiro Jurema Werneck Kimberle Crenshaw	Carolina Bernardo Luana Antunes
Formação Teórico Política: Projetos de pesquisa ou Projetos Sociais	Obs. Orientação e Análise dos projetos construídos pelas cursistas	Lara Silva Cristiane Souza Daiane Gomes

Fonte: Elaboração da autora.

1.5: EDIÇÃO 2020: “QUEM SABE DE ONDE VEIO,

A escolha desse módulo para nomear a edição 2020 demarca um posicionamento diante do contexto de incertezas causado pela pandemia da Covid-19 e a crise política de um país sem rumo. Nós decidimos seguir adiante construindo e fortalecendo nossos laços afetivos, teóricos e políticos. Sendo assim, o curso inicialmente pensado presencialmente converteu-se no formato remoto. Somente nossa aula presencial, a qual abordaremos em capítulo próprio, aconteceu de forma presencial. Em quem fez isso, fomos nós e nossas cursistas, conforme perfil a seguir:

O perfil da turma de 2020 é bastante semelhante ao das turmas anteriores. Sendo assim, no que se refere ao pertencimento racial, as inscrições para as cursistas deste ano de 2020, que obteve 102 inscrições, foi composto por 94% de mulheres que se identificaram enquanto Pretas/Negras e 5,9% parda. No que se refere a atuação social, o grupo é composto por 52% de estudantes (entre graduandas e doutorandas), 31,4% de trabalhadoras formais e/ou informais. Há ainda donas de casa (2%) e desempregadas (13,7%). Este ano, embora tenhamos recebido inscrições de mulheres negras guineenses, o grupo se constituiu apenas de mulheres negras brasileiras.

Em relação ao que motivou essas mulheres a participarem do Projeto, destacou-se a vontade de estar próxima de outras mulheres negras, a necessidade de se fortalecer e de “aquilombar”, bem como a vontade de estar em um lugar onde se pode buscar ferramentas para resistir ao racismo. Os trechos a seguir revelam estas questões.

Primeiramente aquilombar com minhas iguais, no intuito de se fortalecer e fortalecer umas às outras, bem como, agregar conhecimentos e aprendizados compartilhados numa literatura apertada e afrodiasporica. Considerando que este curso é uma forma de resistência política que tem enegrecido o debate acerca da questão racial e das resistências negras (n.75).

O motivo que me trouxe até aqui é o fato de precisarmos estar cada vez mais próximas das nossas, das que vieram antes (as referências que a história não nos conta), das que o ensino “formal” não insere em um plano de uma disciplina, por exemplo, nas edições das “grandes” editoras, e por mais que haja esse propositivo apagamento, nós chegamos até aqui! Nós estamos vivas” E precisamos seguir espalhando aos quatro cantos deste Brasil os NOMES das nossas, das Mulheres Negras que resistiram e resistem a esta

sociedade em que a necropolítica é mais importante do que qualquer outra coisa (n.96)

Acredito que o projeto nos possibilita olhar e construir coletivamente a organização do povo preto atento as nossas demandas e não mais a partir de um viés centrado na branquitude. Estar com pessoas negras, pensando nossa negritude é restaurar nossa humanidade (n.90).

Por ver o projeto como um ponto de referência, de luta, resgate de ancestralidade, conhecimento político, criação de rede. E a partir disso, conseguir ser/me sentir capaz de ser sujeito e não objeto de estudo (n.56).

Preciso estar inserida em um espaço de fortalecimento entre os meus para ter armas e forças para lutar e superar o racismo estrutural (n.38).

Isso posto, os relatos acabam por também apresentar o Projeto Mulheres Negras Resistem enquanto um espaço de referência feminina e negra que vem contribuindo sistematicamente, através do que se propõe a fazer, na construção de uma sociedade menos racista, onde epistemologias negras são fortalecidas e os valores da cultura negra referenciados.

Dessa forma, comungamos com as palavras de Patricia Hill Collins (2019), quando a autora afirma que:

(...) enquanto os problemas sociais enfrentados pelas mulheres negras continuarem a existir, a resistência das mulheres negras persistirá (...) As mulheres negras resistem, seja compartilhando pequenos momentos de amor umas com as outras na vida cotidiana, seja cultivando comunidades nas quais a vida de nossos filhos, de nossos ente queridos e nossa própria vida importam, seja ainda, criticando as políticas públicas que nos negam acesso a segurança, educação, moradia, emprego e saúde. Os governos mudam, mas a longa história de compromisso e criatividade das mulheres negras persiste nessa luta pela reivindicação de nossa humanidade plena (COLLINS, 2019, p.12).

E é esse pensamento que nos motiva a seguir trilhando caminhos onde Coragem, Bravura e Heroísmo representa fomentar o protagonismo feminino e negro, por meio da formação de quadro de representação social e política, pois acreditamos que ocupando esses espaços públicos e privados começamos a mudar a estrutura de nossa sociedade.

Vejam como nos organizamos em termos de conteúdo e formadoras:



Aula Inaugural do Projeto Mulheres Negras Resistem 2020 com Cristiane Sobral no Porto Iracema das Artes.

“Políticas de Igualdade Racial na realidade cearense” com a Formadora Zelma Madeira.



“Protagonismo Feminino e Negro nas Religiões de Matrizes Africanas” com a Formadora Joanice Conceição.

“Estado, Democracia e Políticas Públicas” com a Formadora Rosalina Tavares.





"Escrivências" com a Formadora Lara Denise da Silva.

Ato de Intervenção com a Escritora Vilma Piedade, autora do Livro que apresenta o conceito de "Dororidade".



Trocando Experiências 2020 em alusão ao dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha e dia Nacional de Tereza de Benguela, com a participação de Dala Djop (ex-cursista do Projeto, turma 2019) e Mona Lisa da Silva (equipe de Coordenação do Projeto).

Iniciando o Módulo IV a "Marcas do Corpo: inscrições em mulheres no atlântico e índico" - Formadora Denise Costa.



"Políticas do cabelo" - Formadora Carol Bernardo.



Chegamos no Módulo V, intitulado "Ser mulher e negra é minha essência, não minha sentença", tivemos Grada Kilomba e Audre Lorde: por um mundo das palavras pela Formadora Luana Antunes.



Aula Online sobre a "Afrocentricidade em saúde mental" com a Formadora Aurélia Rios.



"Seu melhor Você: Moda e autoestima" com a Formadora Silvanía de Deus.

2. NOSSO PROTAGONISMO



MULHERES Negras Resistem:
CONTRA O FASCISMO, RACISMO E A MISOGINIA



Ser protagonista de si, de sua própria trajetória de vida, ainda é um desafio para muitas de nós, mulheres negras. Isso, porque conhecemos bem a imposição do silêncio em nossas vidas. São os silêncios das opressões articuladas que buscam calar vozes e toda expressão de existência. Mas, nós resistimos. lembremos: mulheres negras resistem. Assim, tomemos o que Marielle Franco disse: não seremos interrompidas”, como um sinal do nosso protagonismo. Esse protagonismo que nos coloca na centralidade de nossas falas e experiências vividas. Esse protagonismo que, à luz do que nos diz Conceição Evaristo, faz da nossa escrita uma “escrevivência. Por tudo isso, nosso projeto de formação teórico-política que agora traduz-se nesse E-book, é fruto desse protagonismo de cursistas e formadoras que fazem de cada aula inaugural, de cada ato de intervenção um exercício pleno de protagonismo feminino e negro.

2.1 AULAS INAUGURAIS

Nossas aulas inaugurais tem sido o ponto de partida de nosso processo de formação teórico-político. Elas acontecem no auditório da Escola Porto Iracema das Artes, um espaço público dedicado à arte e a cultura. Nesse momento temos nosso primeiro contato olho no olho. Nesse momento nossas cursistas vivenciam o que é representatividade, pois nossas convidadas para ministrar essa aula são mulheres negras como elas. Mulheres negras que exercem seu protagonismo em diferentes áreas de atuação. Foi assim em 2018 quando as professoras Vera Rodrigues e Zelma Madeira exerceram esse papel:

Figura 3 - Zelma Madeira e Vera Rodrigues em Aula Inaugural do Projeto Mulheres Negras Resistem.



Fonte: Fotografia de Paulo Rodrigues - Acervo da autora

Em 2019 tivemos a incrível presença da advogada Valéria Santos/OAB-RJ com a sua aula intitulada “O dia em que não tive medo”.

Figura 4 - Aula Inaugural Projeto Mulheres Negras Resistem 2019 com advogada Valéria Santos/OAB-RJ.



Fonte: Fotografia de Paulo Rodrigues - Acervo da autora

E nesse ano de 2020 tivemos a apresentação marcante da escritora e atriz Cristiane Sobral “Rasuras no cânone – Não vou mais lavar os pratos: palavras com gosto de libertação”.

Figura 5 - Aula Inaugural Projeto Mulheres Negras Resistem 2020 com Cristiane Sobral.



Fonte: Acervo do Projeto.

2.2 ATOS DE INTERVENÇÃO

Juntamente com as aulas inaugurais outro momento marcante de protagonismo feminino e negro tem sido nossos atos de intervenção. Esses são momentos de interação maior com a sociedade em geral. Momentos em que evidenciamos, além do nosso protagonismo, nossos compromissos com lutas sociais e pautas que nos são caras. Foi assim que em 2018 nos filiamos à Ribeiro (2018) quando a filósofa nos diz que “pensar feminismos negros é pensar projetos democráticos”. Por essa via, realizamos nosso ato de intervenção durante os protestos contra a ascensão ao poder de um projeto político nos moldes do fascismo, racismo e misoginia.

Figura 6 - “Marcha Ele Não”, setembro de 2018.



Fonte: Fotografia de Paulo Rodrigues - Acervo da autora

Naquele final de setembro, nós marchamos por nossas vidas no sentido mais amplo possível, tendo em mente o que Gonzalez (1982) escreveu sobre o processo de ruptura democrática no Brasil dos anos 60. O preço cobrado da população negra foi exatamente a precarização das suas condições de vida por via da favelização e do arrocho salarial. E agora, o que seria? Uma agudização da necropolítica?

Esse questionamento não ignora o que nos diz Gonçalves (2017):

A ideia que a democracia, enquanto universalização de direitos e no desenvolvimento do ser humano, nunca esteve presente, em nenhum momento da história desse país, ao alcance de setores historicamente marginalizados da sociedade brasileira – seja nos períodos de regimes autoritários e de exceção, seja no nosso interregno democrático. Refiro-me portanto, à população negra, juvenil e periférica. (GONÇALVES, 2017, p. 139).

Sim, de fato a democracia manifesta na universalização de direitos e no desenvolvimento do ser humano, ainda é algo a ser conquistado. Talvez, por isso seja tão avassalador o desmonte de políticas públicas

e do amparo constitucional para as ações afirmativas e os direitos das trabalhadoras domésticas, por exemplo. Essas são conquistas recentes que completaram pouco mais de uma década de existência legal. Nesse curto espaço de tempo houve o ingresso de universitárias negras(os) nas universidades públicas. E isso, como já dissemos anteriormente, compõe o perfil majoritário de nossas cursistas.

No tocante ao serviço doméstico, muitas cursistas já o desempenharam ou são filhas de empregadas domésticas. Então, quando falamos na emenda constitucional 72, mais conhecida como a PEC das Domésticas (PEC 66/2012) elas sabem do que estamos falando e por quê. Nesses exemplos, a democracia é o vivido. E como não falar ou lutar pela vida?

Talvez, por isso quando o curso encerrou sua 1ª edição em novembro de 2018 uma cursista fez questão de receber seu certificado ao lado da mãe, empregada doméstica, que descobria junto com ela o protagonismo feminino e negro de Laudelina de Campos Melo, fundadora do sindicato das empregadas domésticas de Campinas/SP.

Ainda sobre esse dia em que fomos às ruas fizemos nosso “Sarau “Mulheres Negras Resistem”.

Figura 7 - Sarau Mulheres Negras Resistem, 2018.



Fonte: Acervo do Projeto.

Em 2018 estivemos nos espaços da Rede Cuca - uma rede de proteção social e oportunidades formada por três Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Cucas), mantidos pela Prefeitura de Fortaleza, por meio da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude. Assim, no Cuca Mondubim fizemos uma roda de conversa com o público com base no filme *Sangoma* da Companhia de arte “As Capulanas” de São Paulo.

27 DE OUTUBRO ÀS 17:00 HORAS

MICROFONE
ABERTO

SARAU

**MULHERES
NEGRAS
RESISTEM**



ONDE?

ESPAÇO ROGACIANO LEITE
(DRAGÃO DO MAR)

Cartaz de Divulgação Sarau Mulheres Negras Resistem, 2018.

Cartaz de divulgação do Ato de intervenção Cuca Mondubim, 2018.

CEIÁFRICA E NUA Afro CONVIDAM

**ATO DE
INTERVENÇÃO:
EXIBIÇÃO DO
DOCUMENTÁRIO
SANGOMA**



RODA DE CONVERSA COM AS CURSISTAS DO
PROJETO "MULHERES NEGRAS RESISTEM"

Quando: 28/07/2018

Local: Cuca Mondubim - Sala Multiuso 3

Endereço: Rua Santa Marlúcia, s/n -
Novo Mondubim - Fortaleza

CEIÁFRICA E NUA Afro
CONVIDAM TODOS PARA

**ATO DE INTERVENÇÃO
DO PROJETO
"MULHERES NEGRAS
RESISTEM"**

DATA: 23/06/2018
HORÁRIO: 9H-12H

LOCAL: TEATRO DO CCBJ

Cartaz de divulgação do Ato de Intervenção Centro Cultural do Grande Bom Jardim.

Figura 8 - Ato de intervenção Cuca Mondubim, 2018.



Fonte: Acervo do Projeto.

Fizemos também em 2018 uma oficina aberta de bonecas negras e contação de histórias no Centro Cultural do Grande Bom Jardim. A oficina foi uma experiência que uma de nossas cursistas, a saber: Nalva Costa, propôs a partir da sua experiência enquanto professora da educação básica da região metropolitana de Maracanaú onde coordena o Projeto Identidade Étnica Cacheada e Trançadas.

Figura 9 - Ato de Intervenção Centro Cultural do Grande Bom Jardim, 2018.



Fonte: Acervo do Projeto

Cabe destacar ainda o “Encontro Nacional de Mulheres Negras - 30 anos”, no dia 07 de dezembro de 2018, em que nossas cursistas apresentaram nosso curso para Anielle Franco (irmã de Marielle Franco). Aquele momento foi marcado por emoções, alegrias, pois sim, eram as sementes de Marielle, que estavam florindo e germinando seus frutos.

As ex-cursistas Jéssica Silva, Daysiane Gomes, Mariana Teixeira, Anne Pinheiro, junto com as representantes do grupo NUAFRO, Franciane Santos e Daiane Daine, registraram essa ação. Todas emergindo orgulho, das ações e representações de protagonismo feminino e negro, da história diária e de resistencia de cada mulher negra, pois o estar juntas são momentos fortalecedores.

Figura 10 - Cursistas do Projeto no Encontro Nacional de Mulheres Negras, 2018 com Anielle Franco.



Fonte: Acervo do Projeto

Figura 11 - Cursistas do Projeto com Anielle Franco no Encontro Nacional de Mulheres Negras, 2018.



Fonte: Acervo do Projeto

Destacamos ainda nossa participação no X Copene (Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros), que aconteceu em Uberlândia - MG no período de 12 a 17 de outubro de 2018, onde levamos a experiência do Projeto para o espaço do X Copene e buscamos perceber como mulheres negras de diversas idades, posicionamentos políticos, orientações sexuais e regiões vivenciariam as experiências que o minicurso iria proporcionar. E o que constatamos foi que as diversas mulheres negras que “ouviram o chamado e se fizeram presentes” compartilharam histórias semelhantes as das nossas cursistas de Fortaleza-CE.

Dessa forma, vários foram os momentos onde as lágrimas vazaram dos olhos e a dororidade se transformou em reflexões e potências.

Figura 12 - Encerramento Minicurso Mulheres Negras Resistem no X Copene, 2018.



Fonte: Acervo do Projeto

Um dos pontos considerados importantes e que foi bastante destacado pelas mulheres negras que se fizeram presentes acerca do nosso minicurso, foi o fato delas não terem de fato experimentado anteriormente um lugar onde além de estarem com suas “irmãs” tinham a oportunidade de trazerem suas questões - muitas vezes íntimas e pessoais - para o centro do debate. Assim, falar de questões que lhes feriam, como ataques racistas dentro de sua própria família e as problemáticas no que se refere a relação afetiva e da solidão da mulher negra foram trazidas à tona.

Refletindo sobre aqueles desabafos, nos lembramos das palavras de bell hooks em seu texto intitulado “Vivendo do amor”, onde a autora apresenta a prática de reprimir os sentimentos enquanto uma estratégia de sobrevivência da população negra, mesmo após a escravidão. hooks pontua então que:

Como o racismo e a supremacia dos brancos não foram eliminados com a abolição da escravatura, os negros tiveram que manter certas barreiras emocionais. E, de uma maneira geral, muitos negros passaram a acreditar que a capacidade de se conter emoções era uma característica positiva. No decorrer dos anos, a habilidade de esconder e mascarar os sentimentos passou a ser considerada como sinal de uma personalidade forte. Mostrar os sentimentos era uma bobagem (hooks, 1994)⁵.

Mas o que presenciamos foi o desabrochar dos sentimentos de mulheres negras que juntas, sentiram-se “aquilombadas” e assim, não só puderam compartilhar suas experiências cotidianas de dor advindas do racismo, como também compartilharam e vivenciaram momentos de coletividade e afetividade feminina e negra, bem como experienciaram o resgate e o retorno à suas raízes ancestrais, onde Heroínas Negras Brasileiras (tal qual nos apresenta Jarid Arraes, 2017) se fizeram presentes.

Nossa participação no X Copene foi finalizado com uma roda de mulheres negras que se abraçavam e cantavam:

(...) Foram me chamar, ora, vejam vocês
Eu estou aqui, o que é que há?
Foram me chamar, ora, vejam vocês
Eu estou aqui, o que é que há?
Eu vim de lá, eu vim de lá, pequenininha
Mas eu vim de lá, pequenininha
Alguém me avisou
Pra pisar neste chão devagarinho
Alguém me avisou
Pra pisar neste chão devagarinho, eu vim de lá(...)

E que concretizou em nós a certeza de que Mulheres Negras Resistem. O encontro com Djamila Ribeiro, no dia 16 de outubro 2019, em um evento com mais de duas mil pessoas, pontuou a apresentação do Projeto Mulheres Negras Resistem à filósofa, que ficou encantada com tamanha representativa, que o curso oferece, na cidade.

Enfatizado na sua fala, Djamila Ribeiro, disse naquele momento ao público, a gratidão que teve em conhecer um projeto de tamanha importância como esse, e o mais importante, que é o rol da interação de ser somente com mulheres negras. Sendo algo, profundamente necessário para a cidade.

Naquele momento, a apresentação estendeu à Uma nova história a ser contada. E o será na ótica da resistência. Em resposta à pergunta instigante e desafiadora de Borges (2017): Haverá resistência? Respondemos: sim, haverá. Mulheres Negras Resistem.

⁵ Texto na íntegra disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>



2.3 IDENTIDADE VISUAL E DEPOIMENTOS

O Design tem como idealização a criação, desenvolvimento, configuração, concepção e elaboração de produtos, seja ele gráfico, editorial, interiores, mobiliário, embalagem ou de moda, os designers da atualidade usam o termo “a resolução de problemas” para definições rápidas. De 2015 a 2020 ele teve vários significados para mim e nesse meio tempo busquei refletir sobre minhas produções, para quem elas chegariam, se resolveria algum problema, se é realmente acessível, se as pessoas parecidas comigo teriam acesso a esse tipo de produção, é importante que as pessoas da área criativa repensem suas produções, mas infelizmente nem todas procuram ou tem acesso à esse pensamento, e continuam perpetuando um design reduzido ao capitalismo.

Entrei no projeto Mulheres Negras Resistem no começo de 2020, foi uma surpresa e um presente incrível para o começo do ano, infelizmente as aulas tiveram que acontecer virtualmente por causa do Covid-19, mas apesar disso aprendi bastante com as formadoras, as atividades executadas e o uso do meu trabalho para ajudar ao projeto com a comunicação visual. Criei uma Identidade visual para o curso com todo carinho e dedicação, escutando todas as formadoras em como se sentiam participando do projeto, relatos de momentos marcantes, quais significados o projeto tinham para cada uma e como imaginavam o projeto futuramente, recebi respostas que me inspiraram bastante na criação da identidade e desse E-book, grande parte das respostas levavam para um direcionamento: símbolos adinkra, que são um conjunto de símbolos ideográficos criados pelo povo étnico Acã de Gana que se baseiam em figura de animais, plantas, corpos celestiais, corpos humanos e objetos abstratos, transmitindo ideias filosóficas, aspectos históricos e valores do povo Acã. Os símbolos escolhidos pelas formadoras para definir o projeto foram os símbolos de Coragem e União, meu processo criativo foi em torno da junção desses dois símbolos e como utilizá-los juntos às colagens já usadas no projeto, que davam protagonismo às mulheres negras do curso, tanto formadoras, quanto mulheres negras que são referência teórica e política do curso. Os elementos usados para as colagens foram inspirados nas Mulheres de Soninké e seus processos ritualísticos de pinturas com suas próprias mãos e pigmentos naturais de terra, fazendo formas geométricas nas paredes de suas casas, logo

Figura 13 - Símbolos Adinkra que representam Coragem e União.



Fonte: Acervo Suellem Cosme

atrás das colagens se encontra uma espécie de elemento em amarelo, lembrando uma espécie de porta/portal, inspiração essa tirada das portas e janelas pintadas por mulheres de Oualata, também feitas a mão e com tintas naturais que destacavam a passagem por aquele lugar, acrescentei também para as colagens uma ilustração de espadas de lانس (Plantas), feitas com meu próprio traço, carregando o significado de resistência, dando ainda mais poder as pretas que estão nas colagens.

Participar deste movimento junto com essas mulheres negras incríveis está sendo engrandecedor e de um conhecimento inigualável, gostaria que todas as mulheres negras de Fortaleza e Ceará por completo pudessem participar do curso Mulheres Negras Resistem e sentissem a potência que é estarmos juntas e “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”.

2.4 DEPOIMENTOS DE NOSSAS CURSISTAS

O Projeto Mulheres Negras Resistem: Processo formativo teórico-político para mulheres negras, do qual participei, no ano de 2018, em um momento emblemático logo após, o assassinato de Mariele Franco, uma mulher negra, inclusive fato que leva a construção do projeto, como forma de (re)existência frente a dor foi deveras importante enquanto mulher negra que está no mundo e que (re)constrói-se cotidianamente frente as realidades postas, seja nos mais diversos espaços e relações sociais estabelecidas, algo muito desafiador.

Anterior ao projeto, eu tinha algumas vivências com mulheres negras, com as relações étnico raciais, por causa do espaço de trabalho, contudo buscava há muito tempo aproximação com outras realidades de mulheres negras, trocas de experiências, conhecer formas de ativismo político e sobretudo, ancoramento teórico para outras narrativas, outras epistemologias que dão conta da realidade, contudo foram invisibilizadas, há um apagamento histórico, político e cultural de diversos povos, e com o povo negro não foi diferente, há um perspectiva de nos secundarizar, de nos tirar do palco da formação sócio histórica brasileira como construtores(a) da nação, para além da escravização, ou mesmo colocando em xeque a escravização, uma vez que sua problematização não está esgotada, há muito de resgate ainda ser feito, nossas histórias, nossos protagonismos, nossas (re)existências.

Foi nos encontros aos sábados pela manhã que mobilizou afetos, leituras de intelectuais negras, sugestões de leituras, trocas de informações, planejamento de intervenções, lanches partilhados, e esse cenário ocorrendo durante meses, permitiu outros olhares, outros desejos, outras possibilidades, outras vontades e uma perspectiva que ainda é um desafio, particularmente, de que sim é possível forjar, quebrar aquilo que lhe foi atribuído por outros(a).

Uma das maiores sedes, é o conhecimento, e ele tem sentidos e significados, portanto é potente, é mobilizar, é fortalecedor quando tem

qualidade e é socializado, e isso o Mulheres Negras Resistem representa e faz concretamente.

Então considerando tantas inquietações ao longo de uma vida e que ao longo da trajetória você vai identificando através de marcadores de classe, raça e gênero, é necessário que isso se transforme, e aí podem acontecer das mais diversas maneiras ou metodologias absorvidas no cotidiano. Posso dizer que a educação e o trabalho sempre tive um olhar diferenciado, percebia que alcançar um determinado espaço institucional, significava apropriar-me dos meus percursos formativos regulares da educação, e vislumbrava universidade, pós-graduação, e isso foi sendo tecido em tempos diferentes, porque as necessidades objetivas de certa forma condicionam o seu caminhar, e aí considero mais uma vez os marcadores de classe, raça e gênero, não em uma perspectiva hierárquica, mas sim como construtores e determinantes de realidades, de vidas e que não só podem como devem serem quebrados, (re)construídos tendo como horizonte outras formas de sociabilidade. E nesse sentido, frente a toda essa importância do Mulheres Negras Resistem, bem como outras vivências, em 2019, proponho-me a participar da seleção de mestrado do Programa de Avaliação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará, inicialmente o projeto da seleção foi Negras na Educação: Implementação da Lei 12.990/2014 no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), realizando leituras, tentando me aproximar teoricamente de intelectuais negros(a), assim como outros(a) que possam contribuir com a construção de reflexões.

Atualmente o título, teve algumas mudanças porque compreendi ser necessário demarcar especificidade, e hoje tenho como título Mulheres negras na docência: a implementação da Lei 12.990/2014 no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), evidente que está em construção, portanto está em aberto, inclusive a definição de título, ainda não iniciei a pesquisa efetivamente, mas as questões estão postas, as inquietações e o sentido de problematizar.

Logo, são as professoras negras que serão as sujeitas da pesquisa, no projeto de seleção trago a proposta de serem as que entraram no concurso de 2016, pois foi quando a legislação 12.990/2014 foi implementada no IFCE, a legislação não tem recorte de gênero, esta é uma proposição que faço para a pesquisa e sinalizo ou apresenta fazer uma avaliação dessa política pública de ação afirmativa, tendo os recortes de raça e gênero e em que medida houve impactos na instituição com a presença dessas professoras negras a partir de seus processos de trabalho, informo que não atuo na docência, mas no espaço em que há professoras negras.

Enfim, como relatei o estudo ainda tem muito a caminhar e ter definições, rever objetivos, rever quais as possibilidades da pesquisa no âmbito do IFCE, considerando ser uma instituição com 33 campi, mapear onde estão essas mulheres negras e professoras, em que cursos lecionam, isso e muito mais preciso ver com a orientadora, mas o que fica demarcado é como o Projeto Mulheres Negras foi potencializador em uma trajetória, que não é apenas individual, é coletiva também,,

é formada, impactada e tem desdobramentos diversos, depende de caminhos, oportunidades, possibilidades e sobretudo, afetos, sentir-se bem e não posso esquecer que através também do Mulheres Negras Resistem tive a oportunidade de conhecer e participar do Quilombo Literário, que tem me permitido, o acesso a uma outra literatura, a outras narrativas, a outras buscas.

Fernanda Maria, turma 2018.

Eu considero a minha entrada na pós graduação uma conquista que está diretamente ligada a participação no Projeto Mulheres Negras Resistem, especificamente a partir da grande oferta que foi o piloto de orientações de elaboração de projetos para a pós graduação, sob coordenação da Profa. Vera, onde eu consegui construir o projeto que submeti - e fui aprovada com ele - ao edital do Mestrado em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (PPGS-UFC), o primeiro com ações afirmativas para pessoas negras. A propósito, eu destaco que a participação da coordenadora do MNR, a querida Profa. Vera Rodrigues foi decisiva na implementação das cotas nessa modalidade no PPGS-UFC.

Para além disso, uma das coisas mais impactantes foi estar num espaço formativo e político elaborado e composto apenas por mulheres negras, da coordenação a facilitação. No projeto eu entrei em contato com saberes e afetos diversos entre mulheres negras mais novas, iguais e mais velhas. O projeto também me proporcionou entrar em contato com os meus saberes, os que eu venho desenvolvendo nas zonas fronteiriças onde recorrente e historicamente nós mulheres negras somos colocadas. Desde então, a junção dos caminhos encruzilhados tem traçado para mim outros ciclos e narrativas, tenho potencializado o legado do qual sou herdeira e que pude acessar e aprimorar no projeto.

Eu sou muito grata a esse espaço e as mulheres que o constroem. Fico feliz e orgulhosa da continuidade do projeto e de realizações como o e-book que se avizinha, de ter sido contemplada por cursar a primeira turma e o primeiro piloto das orientações para construção do projeto com a Profa. Vera. E isso é o mínimo que eu posso devolver como agradecimento. Quero alçar mais e partilhar mais entre nós, porque somos potência se ramificando e afluindo cada vez mais.

Jéssica Silva, turma 2018.

Participar do projeto, na sua primeira edição, foi um desafio e uma honra. Dentro da trajetória de uma mulher negra, parece ser difícil encontrar espaço para o autocuidado e uma proposta que convida a pensar, política e teoricamente, o lugar da mulher negra é um dos tipos de autocuidado mais “radical” e revolucionário que tenho conhecimento. No primeiro encontro, fui compreendendo o que significa a metáfora de que “mulheres são como água”, pois, quando se juntam, revolvem as margens dos rios que as conformam, destroem e reconstróem lugares. A cada novo encontro, me sentia desafiada a encontrar a mulher que sou destinada a ser. Compartilhávamos dores, lutas, mas também

possibilidades e desejos. Hoje, tenho um grande carinho e sinto uma responsabilidade - boa, potente - pelo projeto ao continuar fazendo parte, podendo contribuir e participar de encontros que são “divisores de águas”.

Lara Denise, turma 2018.

O Projeto influenciou, pois na mesma época que começou o curso iniciou uma pesquisa em dança voltada para a performance negra. Então ter aqueles momentos com o curso, os estudos, as falas, as trocas, me ajudou bastante pra trazer isso pra dança. Atualmente eu tenho uma performance que se chama Corpo Negra, já apresentou ela no encerramento de outra edição do curso. Foi muito incrível poder voltar no curso com performance que eu criei. Foi muito importante ver essas mulheres de novo que construíram comigo e outras que começaram a construir em outra edição, então acredito que o curso teve um impacto muito forte na minha vida. Até hoje eu lembro bastante e guardo todo o material que a gente trocou, que foi apresentada pra gente no curso, porque sempre é bom voltar a entrar em contato com tudo que a gente chegou a ver.

E aí outra coisa também é que, agora não porque nesse momento de pandemia a gente teve que parar com várias atividades, mas na época que eu estava no projeto eu também atuava com o Coletivo Natora. Então eu caminhava junto com essas duas coisas, o que eu vivia no curso eu também trazia pras ações que eu fazia. Então com certeza muita coisa acrescentou pros meus trabalhos a partir do curso e eu sou extremamente feliz de ter participado. Eu sempre lembro e toda vez que eu vejo alguma outra participante que fez parte comigo é sempre assim um momento muito massa, porque a gente tem o curso como um momento importante nas nossas vidas. Acredito que todas as participantes já sentiram isso ou sentem. E é isso. Quando eu comecei a performance... eu comecei a pesquisa em 2017 na área da performance e entrei no curso em 2018, então com certeza foi uma potencialização pro que eu tava pesquisando, e me ajudou muito já que eu queria falar sobre o corpo negra, queria falar sobre vivência de mulheres negras na performance, então o curso também potencializou demais isso. Sou muito feliz de ter participado, espero que esse meu depoimento ajude também na pesquisa que vocês estão fazendo e contem comigo sempre pra qualquer coisa porque eu sou muito, tenho um afeto muito grande por esse projeto, pela professora Vera, enfim, por todas as pessoas que trazem ele, que continuam a tocar ele com toda força.

Larissa Paiva, turma 2018.

O projeto mulheres negras resistem foi um divisor de águas na minha trajetória acadêmica e na minha construção simbólica como mulher negra.

Foi lá que compreendi melhor, acompanhada de mulheres como eu, quais são os lugares reservados à mulheres com nossa cor e lugar de classe.

Para mim foi imprescindível e singular apreender a diversidade das identidades que constituem estas mulheres que mesmo perpassadas pelo sexismo e racismo reservam multiplicidades na forma de ser mulher e negra, inclusive nas formas de construir resistências.

O projeto foi primordial para que eu tentasse a seleção do Mestrado no qual sou aluna hoje, o Mestrado acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão social da Universidade Estadual do Ceará. Também serviu de base epistemológica para que eu compreendesse as disputas teóricas que se dão neste espaço e para que fosse capaz de defender os meus posicionamentos teórico, político e metodológicos reafirmando os saberes construídos por negros e negras ao longo da história, sobretudo pelas Feministas Negras.

O projeto foi determinante também para que eu compreendesse que nós podemos pesquisar o que quisermos, inclusive assuntos que não estejam necessariamente perpassados pela questão racial. Não é à toa que hoje eu vivo um novo e desafiador momento como pesquisadora. Reformulei o tema e objetivos do projeto com o qual entrei no Mestrado, que antes pretendia pesquisar os ativismos de jovens negras no Ciberespaço, e hoje pesquiso a relação de mulheres gordas que buscam o emagrecimento na cidade de Fortaleza/CE.

Continuo minhas leituras sobre as relações raciais brasileiras, com a intenção de produzir pesquisas futuras, talvez para um Doutorado.

Sigo marcada pela experiência no Projeto por tudo que vivi lá, pelo que aprendi com os módulos ao longo do curso e pelas experiências vividas com as outras cursistas. Sou grata pela oportunidade de ter composto esse lugar/refúgio/potência. E sempre que possível compartilho essa bagagem com outras mulheres negras nos espaços de debates e construções coletivas.

Liniane Santos, turma 2018.

O curso foi de extrema importância na minha vida, estar junto com outras pretas lendo mulheres pretas é transformador. Aprendi muito com o curso, bem mais do que havia aprendido sobre raça em toda a graduação de Jornalismo. Se eu tivesse feito o curso antes de me formar, com certeza teria me auxiliado bastante no desenvolvimento do trabalho monográfico. Não consegui dar o melhor de mim na monografia, pois nem eu, nem a minha orientadora tínhamos uma boa base teórica sobre questões raciais.

Nerice Carioca, turma 2018.

O que mais me marcou no projeto além do quilombo que fomos todos os sábados e fora do espaço também, foi em específico uma aula da formadora Carol Bernardo, ela falou sobre o Lugar de Fala. Na aula, fizemos cartas, poemas, não importava o formato, o que viesse a mente era para por no papel. Depois fizemos um corredor de mulheres negras, no qual líamos o que tínhamos escrito e depois passamos pelo corredor, olhando para cada mulher negra que estava ali, foi uma

energia tão gostosa, tão inexplicável, que a partir dali, vi cada vez mais que mesmo querendo, não somos apenas uma mulher negra, apenas uma profissional, ser mulher negra é algo inexplicável, por mais que tentemos de várias formas ser apenas uma coisa não conseguiremos, pois somos elevadas. E na caminhada da vida sempre haverá uma que vai subir e puxar a outra, somos múltiplas, somos diversas, somos Mulheres Negras que Resistem.

Icleane Pinheiro, turma 2019.

O que mais me marcou foi o aspecto de autoconhecimento mesmo, de me reconhecer enquanto uma mulher preta, algo que sempre me foi velado, de abrir a minha mente para os diferentes locais de fala e de me preparar e me empoderar cada vez mais para a vida da mulher preta. Sou muito feliz e grata de ter participado do curso e sempre lembro e comento dele por aí, toda menina e mulher preta mereciam participar, grata sempre!

Mariana Costa Barros, turma 2019.

Os relatos, o afeto e se sentir em um espaço seguro

Mariana Vieira Lacerda, turma 2019.

2019 foi um ano muito difícil e adoecedor, em todo os aspectos, todas tínhamos consciência disso, mas quando nos encontrávamos era como um oásis, quinzenalmente nos nutrimos de nós mesmas e nos lembramos da nossa ânsia em permanecer vivas.

Sara Maria Silva, turma 2019.

Para mim, foi uma experiência única. Primeiro, por eu ter sido uma das escolhidas. Segundo, por estar entre mulheres negras, de tamanha grandeza e potência, no qual aprendi muito sobre nós. A forma de como devemos nos fortalecer, e não desistir de lutar. E terceiro, entendi que, “uma sobe e puxa a outra”. Sou muito grata a todas que participaram desse projeto lindo. Obrigada e PARABÉNS!

Joelma Vieira, turma 2019.

Antes de entrar no projeto, pensei que seria bem direcionado para o estudo de obras de autoras negras e intelectuais negras, em parte isso ocorreu, foi muito proveitoso pra mim conhecer trabalhos e reflexões de mulheres negras. Mas, acredito que deveria ser mais explorado. Contudo, ao ver que se tratava de um grupo de mulheres negras com base teórica bem direcionado, estudiosas sobre o assunto, acredito que deveriam acrescentar mais as discussões em sala. Algumas não compartilhava muito o conhecimento que tinha, achei um pouco individual. Acredito que fortalecer mulheres negras contra o racismo e sexismo de verdade é dar as mãos e oportunidades pra mulheres

negras que não tem um currículo que encha os olhos, ou pelo menos que exceda apenas a títulos, sem desvalorizá-lo, é claro! Mais vi que para algumas era apenas mais um certificado pra conta. Enquanto outras, verdadeiramente queriam extrair o máximo de buscar ferramentas na luta contra o racismo.

Gisliene Soares Rodrigues, turma 2019.

Ter em minha trajetória pessoal e profissional, acadêmica e militante a passagem pelo Projeto Mulheres Negras Resistem é mais do que tudo sentimento de pertencimento. Dimensionar a importância de cada encontro, formação teórica não-eurocêntrica e rede de cuidado em poucas palavras é pouco. A potência do projeto me sustentou como mulher negra no ano de 2019, devido os diversos obstáculos que a vida nos impõe, saber que haveria acolhida e apoio me fez ter forças para estudar e venerar as mulheres que vieram antes de mim, se EU SOU é por que ELAS FORAM. Ainda que não tenha sido possível concluir o que propus de maneira efetiva e sob moldes acadêmicos, carrego hoje a missão de ecoar a voz de cada participante do projeto. Estou como assistente social residente em saúde mental e dentro do que me compete busco a todo momento quebrar as barreiras do racismo institucional, considerando que são as mulheres negras as que mais sofrem com adoecimento mental, a esse olhar e posicionamento devo ao Mulheres Negras Resistem, lugar de aquilombamento, de afeto, de política, de formação de si e dxs outrxs. Gratidão. Vida Longa ao MNR!

Maiara Ferreira da Silva, turma 2019.

Participar do Projeto Mulheres Negras Resistem foi transformador para mim, pois pela primeira vez na vida tive esse contato com pessoas tão potentes e inspiradoras, cada uma com a sua personalidade e histórias. Me refiro as minhas colegas de curso como também as professoras que participaram dos encontros e o comprometimento incrível da Ariadne e da Prof. Vera Rodrigues.

Com certeza, ter participado deste Projeto me possibilitou ver o mundo com outros olhos, por isso digo que me encontrei como jamais pude imaginar e quero seguir sempre aprendendo, evoluir como uma pessoa digna de tudo que um dia nos foi negado. Sou uma mulher negra que resiste e não me sinto mais sozinha nessa jornada tão desafiadora. Meus sinceros agradecimentos à todas as mulheres por tanta partilha.

Maria Elvira, turma 2020.

Conhecer pessoas, estar “perto”, ouvir, a troca de saberes e experiências é o que mais rico estou levando do projeto.

Livia Goes, turma 2020.

Foi um processo incrível, aprendi muito com as formadoras e refleti muito sobre quem eu era, quem queria ser. Fico extremamente feliz em ter tido essa oportunidade de mostrar o que sei fazer, falar das angústias e felicidades abertamente para mulheres que me entendem e estão de braços abertos para mim!

Suellem Cosme, turma 2020.

O projeto foi fundamental para a minha formação enquanto mulher negra. Foi um momento de aprendizagem e conscientização do meu papel na sociedade e do dever que tenho de repassar toda a minha comunidade. Um aspecto positivo foi compartilhar desse processo com cursistas tão engajadas com esse projeto e partilhar experiências e vivências que nos fizeram criar laços para além do projeto.

Geovana Monteiro, turma 2020.

Eu sou Gilvaneide de Sousa Santos, filha de Francisca Luciana de Sousa Santos e Pedro da Silva Santos, tenho 33 anos em 2020. E vivo com o peso de um ano em que marcará para sempre a minha geração, a pressão que sufoca constantemente o meu existir, a eleição de Jair Bolsonaro para a presidência da república federativa do Brasil em 2018. O mesmo ano em que a Vereadora, Socióloga e Ativista Marielle Franco foi brutalmente assassinada com 4 tiros no centro do Rio de Janeiro. Esse fato histórico deixou um rastro que fincou, em mim, passos na minha caminhada e tem me mostrado como é preciso, mais do que nunca, ter estratégia para seguir em frente... Pois, a dor e o medo dançam juntos na vida de uma Mulher, Prêta, Periférica e Lésbica, como sou, mas o grito de ordem: “Não serei interrompida!”; “Não serei interrompida!”; “Não serei interrompida!” sabe fazer seu carnaval nos dias em que eu chego em casa com um sorriso enorme no rosto por ter deixado um Racista, Homofóbico ou AntiDemocrata sem argumentos, assim como fez Marielle em seu último discurso. Desse modo, o Curso “Mulheres Negras Resistem: formação teórica-política para mulheres negras em Fortaleza/Ceará”, segundo o texto “Mulheres Negras Resistem: Protagonismo Feminino, Negro e Nordeste”, da Professora Vera Rodrigues, surgiu, no ano de 2018, como forma de propagação dos ideais que a Ativista Carioca em questão deixou como marca para minha geração: “Ideias são à prova de balas”. Com esse intuito, a importância desse projeto é que ele saber mostrar os caminhos que as nossas seguiram para que a gente estivesse hoje de pé e o que me marca é sair com o coração cheio de esperança a cada encontro, pois eu aprendo a gritar o verbo r.e.s.i.s.t.i.r e a ouvir a palavra a.m.o.r. e assim sigo no equilíbrio da jornada de uma mulher Prêta que se permite não só a lutar, mas a ousar ser feliz também. Sigamos!

Gilvaneide de Sousa, turma 2020.

O projeto foi uma das únicas coisas virtuais que frequentei continuamente ao longo do período de isolamento social por de fato

gostar, e não por obrigação. Apesar da modalidade remota ter me frustrado inicialmente, muitas vezes nossos encontros eram um refugio para mim. Todos os encontros foram marcantes e emocionantes, destacaria a aula inaugural por ter sido nosso grande encontro físico e por ter conhecido a escritora Cristiane Sobral, desconhecida para mim até então.

Joice Lima, turma 2020.

Se for sobre o MNR ouvir as histórias e conhecer mulheres incríveis que mesmo diante de toda a sociedade às querendo “derrotar”, elas ainda resistem.

Francisca Robervânia, turma 2020.

Em relação ao Projeto Mulheres Negras Resistem, vários foram os momentos que me marcaram. Creio que em especial o de escrevivências e o momento em que falamos sobre o nosso cabelo. Escrever e falar são coisas difíceis para mulheres negras, se colocar nesse lugar de produção de conhecimento e de protagonismo de fala, pois isso foi nos tirado por muito tempo. Foi roubado de nós, assim como nossa identidade étnica e auto estima. O que me leva para o assunto do cabelo. Sabendo da importância de assumir essa identidade, criei um Instagram de cachos onde posto dicas de finalização, penteados, conto minhas experiências de transição capilar. Poderia nomear também como um projeto? Creio que sim, e é algo que me ajuda a fortalecer a identidade de outras mulheres pretas também. PS: Deixo aqui minha contribuição também para este formulário, a forma como as perguntas foram construídas parece que um projeto de protagonismo negro precisa ser algo padrão, de certa forma “acadêmico”, com prazos, etc. Isso pode vir a limitar algumas respostas e barrar o conhecimento de atividades que promovem esse protagonismo, mas não seguem necessariamente esses padrões de projeto. Pode ser a criação de uma rede de apoio entre mulheres da vizinhança, pode ser um grupo de leitura onde mulheres pretas se aprendem juntas... enfim, creio que se melhor formulado, esse formulário poderia mapear diversas outras atividades que as vezes não identificamos necessariamente como projetos. Perguntar quais atividades são desenvolvidas e promovem ou visam esse protagonismo fosse mais interessante. No mais, também utilizo esse espaço para propor um encontro presencial, em momento de flexibilização da pandemia, quem sabe em um lugar aberto, no parque do cocó, num café com mesas ao ar livre... creio que precisamos desse encontro e proximidade. Agradeço ao Mulheres Negras resistem e me coloco à disposição para continuar somando com as atividades do Projeto. Abraço, pretas. Estamos juntas!

Ana Larisse Santos, turma 2020.

2.5 DEPOIMENTOS DE NOSSAS FORMADORAS

O projeto Mulheres Negras Resistem é uma potência tanto do ponto de vista teórico quanto do empoderamento, encorajamento e valorização das mulheres negras. Participar desse projeto na condição de formadora, com o módulo “Protagonismo feminino e religiões de Matrizes africanas” é um alento no que toca à visibilidade das primeiras mulheres religiosas que cimentaram o caminho para o nascimento de diferentes movimentos sociais em favor das vidas negras. Em tempo amplia a possibilidade para jovens mulheres negras acessem conhecimentos femininos ancestrais. Vida longo ao Mulheres Negras Resistem!

Formadora Joanice Conceição

O Projeto Mulheres Negras Resistem é o aporte conceitual de formação para seguirmos no aquilombamento academicista. Estou muito agradecida por fazer parte do módulo V: “Ser mulher e negra é minha essência, não minha sentença”, onde o tema “Afrocentricidade em saúde mental” possibilitou compartilhar as vivências, narrativas e reflexões críticas frente às produções eurocentradas como combustíveis para a busca do nosso conhecimento

Formadora Aurélia Rios

Participar do projeto, na sua primeira edição, foi um desafio e uma honra. Dentro da trajetória de uma mulher negra, parece ser difícil encontrar espaço para o autocuidado e uma proposta que convida a pensar, política e teoricamente, o lugar da mulher negra é um dos tipos de autocuidado mais “radical” e revolucionário que tenho conhecimento. No primeiro encontro, fui compreendendo o que significa a metáfora de que “mulheres são como água”, pois, quando se juntam, revolvem as margens dos rios que as conformam, destroem e reconstroem lugares. A cada novo encontro, me sentia desafiada a encontrar a mulher que sou destinada a ser. Compartilhávamos dores, lutas, mas também possibilidades e desejos. Hoje, tenho um grande carinho e sinto uma responsabilidade - boa, potente - pelo projeto ao continuar fazendo parte, podendo contribuir e participar de encontros que são “divisores de águas”.

Formadora Lara Silva

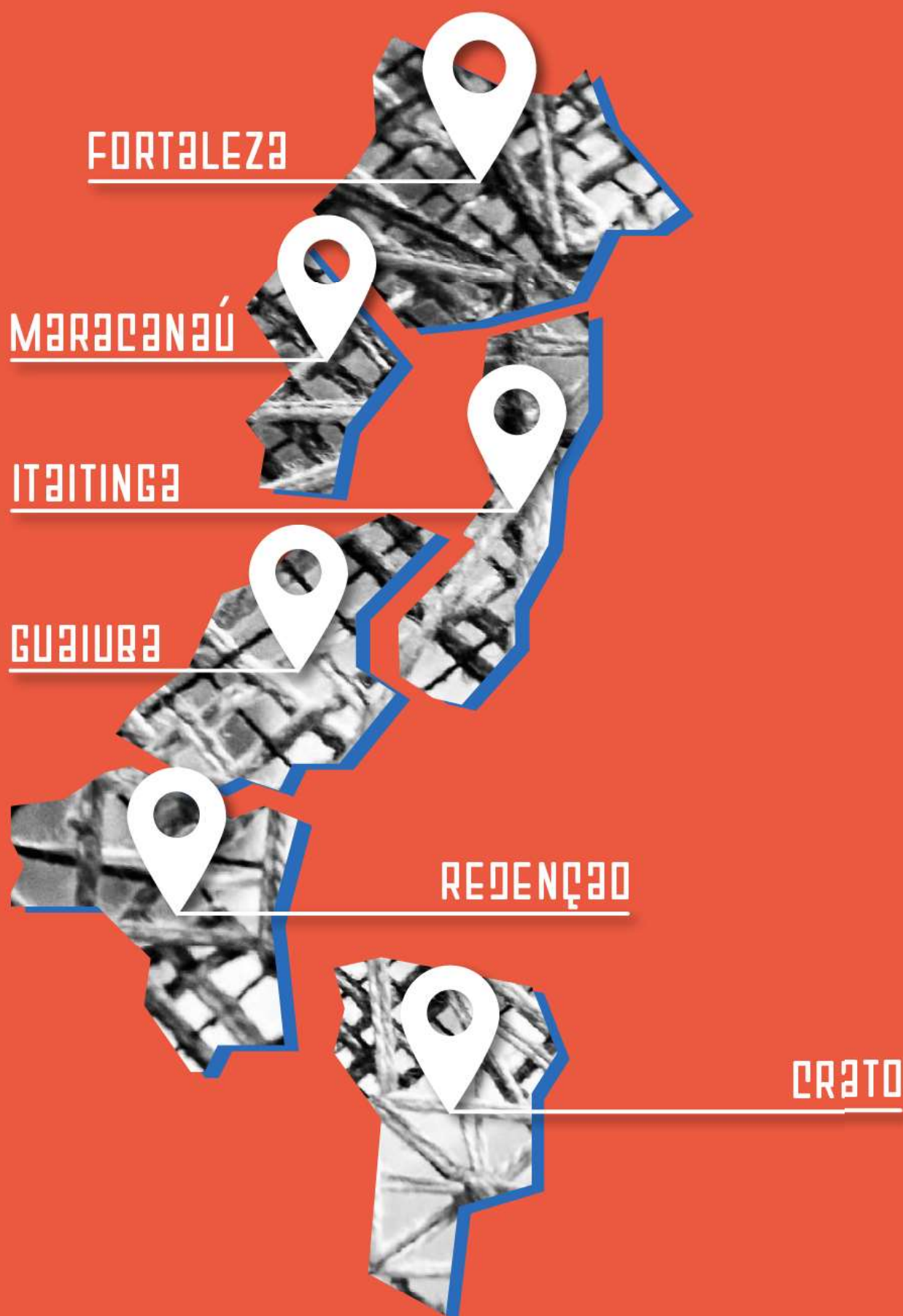
Sou muito grata por ter participado do PROJETO MULHERES NEGRAS RESISTEM desde seu início. Seu propósito tem sido o de juntar nós mulheres negras em nossas potências, saberes e solidariedades. Agradeço o convite da Profa. Vera Rodrigues e a toda a equipe envolvida no projeto que sempre dispostas e brilhantes em dar concretude as ideias de produção de saberes e práticas de resistências a partir da

aposta na negritude das mulheres participantes. Ao longo das edições tenho atuado como parceira institucional e facilitadora de módulos na relação ensino/aprendizagem e isso traz muito contentamento. Essa iniciativa pelos seus pressupostos merece todo nosso apoio.

Formadora Zelma Madeira

Depoimento em vídeo da ***Formadora Rosalina Tavares*** no link : <https://www.instagram.com/tv/CHSvwCZJdvz/?igshid=1zmospvdumx77>.

3. TERRITÓRIO, RAÇA/COR E GÊNERO



Diante do contexto de isolamento social em função da Covid-19, o projeto de extensão “Mulheres Negras Resistem: processo formativo teórico-político para mulheres negras”, tem buscado reconstruir, articular e movimentar a atuação de nossas 23 cursistas. Dessa forma o exercício do protagonismo feminino e negro permanece como foco. Para isso, nos reinventamos com encontros virtuais a cada quinzena. Nosso 1º módulo intitulado “Quem sabe de onde veio, sabe para onde vai” teve como aula temática “Eu negra em Fortaleza: dinâmicas de território, raça e gênero” com base no texto “Existe Negra (o) Sim! A presença Negra em Fortaleza/CE” de autoria da formadora, Ariadne Rios. O objetivo da aula foi identificar os locais de vivência e atuação teórica-política de nossas cursistas na cidade de Fortaleza e região metropolitana. A atuação teórico-política é analisada por meio das propostas que elas elaboram em torno de projetos de ativismo/acadêmico, a serem desenvolvidos nos seus territórios de origem. Salientamos que a elaboração e desenvolvimento de projetos é a contrapartida social das cursistas que o projeto demanda. Isso vai ao encontro de nos contrapormos ao discurso ainda oficial de que no Ceará não há negros(as). Assim, apostamos na existência e potencialidade de sujeitos e territórios negros. As fontes oficiais de dados municipais dão conta das disparidades territoriais entre negros e brancos na cidade. Diante desse quadro cabe analisar como a população negra enfrenta o cenário de desigualdades sociorraciais, tendo em conta possíveis, criativas e potentes redes de articulação territorial tendo as mulheres negras como protagonistas. Esse é um trabalho inédito localmente, pois trabalha a partir de uma visão interseccional e territorial. Iremos assim, dar a conhecer um processo de mapeamento, articulação e visibilidade, o qual gerará dados a serem compartilhados nesse E-book. Essa produção poderá potencializar diálogos com movimentos sociais e poder público, por meio de atividades abertas à sociedade em geral e que venham a contribuir para políticas públicas e ações correlatas.

3.1 - EDIÇÃO 2018

A primeira edição do Projeto Mulheres Negras Resistem iniciou em maio de 2018, pouco mais de um mês depois da morte de Marielle Franco. Com a primeira aula intitulada de *Ideias são à prova de balas*, imergimos em uma vivência de muitas trocas entre nós, durante o curso, e também com a sociedade, nos atos de intervenção em diferentes espaços da cidade. Negras mulheres, vindas de diferentes lugares do país, com diferentes faixas etária e trajetórias diversas, nos encontramos em Fortaleza e compartilhamos desejos comuns de fortalecer nossos protagonismos e crescer entre as nossas, juntas.

As experiências de leituras teóricas e de formação política com intelectuais negras, entre mulheres negras, não se limitaram aos espaços

e tempo de duração do curso. Até hoje, influenciadas pelos aprendizados e partilhas dos seis meses de trabalho conjunto, nós, ex-cursistas, continuamos a desenvolver atividades que permanecem sendo afetadas pelas discussões geradas no Projeto.

Neste contexto, os depoimentos de algumas das ex-cursistas de 2018, reunidos no âmbito do processo de pesquisa e mapeamento de suas ações na cidade de Fortaleza, versam sobre projetos e atividades desenvolvidas por elas durante ou após o término do curso e que tem influência da formação político e teórica em suas vidas e nos caminhos que traçaram após essa vivência.

As formas de impacto deste projeto nas vidas de nós cursistas reverberam de diferentes formas. Algumas canalizaram seus esforços na produção de conhecimento científico, desenvolvendo pesquisas em programas de pós-graduação ou de residências.

Desta forma, Edelyny Leoncio hoje está como Assistente Social Residente em Cancerologia pela Escola de Saúde Pública do Ceará. Ela atribui a participação no MNR como potencializadora para que concluísse a graduação e ingressasse na Residência, onde desenvolve uma pesquisa para seu trabalho de conclusão que tem como título: *Impactos do racismo na saúde da mulher negra: particularidades cotidianas na vida de mulheres negras com câncer de colo uterino*. Sua pesquisa é realizada com mulheres negras de Fortaleza ou outros municípios do Ceará que estão em tratamento de radioterapia no Centro Especializado de Oncologia (CRIO), localizado no bairro Álvaro Weyne.

Fernanda Maria Medeiros ingressou no mestrado do Programa de Avaliação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará em 2019 e desenvolve pesquisa que tem como título atual: *Mulheres negras na docência: a implementação da Lei 12.990/2014 no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)*. Na sua pesquisa as professoras negras serão as sujeitas, precisamente as que entraram no concurso para docentes em 2016, mesmo ano em que a lei 12.990/2014[1] foi implementada no IFCE. Fernanda se propõe a fazer uma avaliação dessa política pública de ação afirmativa por meio de recorte de raça e gênero, com o intuito de perceber em que medida houve impactos na Instituição com a presença dessas professoras negras a partir de seus processos de trabalho. Com a pesquisa ainda houve impactos na Instituição com a presença dessas professoras negras a partir de seus processos de trabalho. Com a pesquisa ainda em seu início e, portanto, se delineando, Fernanda também pretende mapear onde estão essas mulheres negras e professoras dentro do IFCE, indicando em que cursos lecionam. Ela destaca que o MNR foi potencializador para esse processo ao aproximá-la teoricamente de intelectuais negras/os, assim como outros, contribuindo para a construção de reflexões.

Fernanda ressalta a importância de ter participado do MNR: “foi deveras importante enquanto mulher negra que está no mundo e que (re)constrói-se cotidianamente frente as realidades postas, seja nos mais diversos espaços e relações sociais estabelecidas, algo muito desafiador.”

Jéssica Silva ingressou no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (PPGS-UFC) no ano de 2020, o primeiro com ações afirmativas para pessoas negras em quase 45 anos

de existência do Programa, e ressalta que a coordenadora do MNR, a Professora Doutora Vera Rodrigues, foi decisiva para a implantação das cotas nessa modalidade no PPGAS-UFC.

Jéssica considera que seu ingresso no mestrado está diretamente ligado a sua participação no MNR, especificamente por meio do piloto de orientações para elaboração de projetos de pesquisa para a pós-graduação. Sob coordenação da Professora Vera Rodrigues, as orientações contaram também com a importante colaboração de Lara Denise, cursista da edição de 2018, a quem Jéssica dedica um agradecimento especial pelas correções finais de seu projeto, com o qual foi aprovada.

Sua pesquisa no mestrado em Sociologia se concentra de forma geral em investigar como as afetividades se apresentam no contexto de mulheres negras na cidade de Fortaleza/CE. Seu campo de pesquisa, em boa parte por conta da pandemia do Covid-19, tem se dado por meio virtual, com a observação dos discursos e imagens de mulheres negras sobre afetividades, racismo, solidão da mulher negra, mercado amoroso, entre outros. Jéssica se propõe, entre outros objetivos, a analisar os impactos das intersecções de raça, classe e gênero nas dinâmicas afetivas de mulheres negras em Fortaleza/CE; identificar especificidades nas trajetórias destas mulheres no que diz respeito a sua afetividade; e apreender em seus discursos o que elas entendem por afetos e atribuem a estes.

Liniane Santos aponta o MNR como um divisor de águas em sua trajetória acadêmica e em sua construção como mulher negra. Segundo ela, o projeto também foi primordial para o seu ingresso no mestrado acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão social da Universidade Estadual do Ceará. Liniane ressalta as contribuições do MNR em sua vivência acadêmica:

[O projeto] também serviu de base epistemológica para que eu compreendesse as disputas teóricas que se dão neste espaço e para que fosse capaz de defender os meus posicionamentos teórico, político e metodológicos reafirmando os saberes construídos por negros e negras ao longo da história, sobretudo pelas Feministas Negras. O projeto foi determinante também para que eu compreendesse que nós podemos pesquisar o que quisermos, inclusive assuntos que não estejam necessariamente perpassados pela questão racial.

Desta forma, Liniane considera que hoje vive um novo e desafiador momento como pesquisadora, trabalhando com a relação de mulheres gordas que buscam o emagrecimento na cidade de Fortaleza/CE. Não obstante, continua suas leituras sobre as relações raciais brasileiras e tem a intenção de produzir outras pesquisas, vislumbrando o Doutorado. Considerando o MNR como um “lugar/refúgio/potência”, Liniane afirma

que sempre que possível compartilha a bagagem adquirida no curso com outras mulheres negras nos espaços de debates e construções coletivas.

Pesquisando diferentes temas, relacionados a questões raciais ou não, as ex-cursistas seguem potencializando e enegrecendo a academia, historicamente ocupada pela branca elite em nosso país, produzindo conhecimento afro-referenciado, decolonial, e também rompendo com estereótipos que insistem em querer nos colocar em campos subalternos da sociedade. As pesquisas em temáticas variadas também quebram com a ideia de que devemos, como pesquisadoras negras, necessariamente trabalhar com questões raciais ligadas à negritude, cerceando nossa autonomia para escolher com o que trabalhar.

As leituras de mulheres negras também influenciaram nas atividades profissionais das cursistas. Já trabalhando com questões de gênero e raça/cor ou não, os referenciais teóricos trabalhados no curso potencializaram suas práticas. Se aprofundar nestas experiências e saberes inspira até hoje as ações das cursistas.

Antônia Mendes de Araújo, hoje Ouvidora Geral da Defensoria Pública Geral do Estado do Ceará, desenvolve um projeto nesta instituição pública que tem como foco o racismo estrutural no sistema de justiça, consistindo na formação modular para defensoras/es e trabalhadoras/es da sociedade civil sobre racismo no sistema de justiça.

No desenvolvimento do projeto, Antônia pontua a dificuldade existente na tentativa de mobilizar as/os Defensoras/es para participarem das formações, entretanto destaca que apesar deste desafio houve tanto o maior envolvimento destas e destes com as questões raciais como também o maior comprometimento da gestão da Defensoria com a pauta racial.

Antônia enfatiza que o Projeto Mulheres Negras Resistem foi fundamental para que ela iniciasse seu letramento racial e conseguisse ter parâmetros para buscar leituras que rompessem com a lógica colonial. E acrescenta: “Devo muito ao projeto o meu processo de escuta de mim mesmo para entender que racismo é exterior a mim e o que fazer para combatê-lo.”

Lara Denise Silva, após participar do MNR em 2018 passou a ser formadora do Projeto facilitando o módulo Escrivências nas turmas de 2019 e 2020. Ela aponta que as dificuldades encontradas no desenvolvimento do módulo são tanto o aprimoramento deste como também estimular a escrita das participantes. Apesar dos desafios, Lara ressalta que o módulo permite que as cursistas cultivem uma outra relação com a escrita, produzindo trabalhos afinados com suas trajetórias pessoais.

Também no campo das artes, Larissa Paiva ressalta a importância que participar do MNR teve no seu processo de pesquisa e criação na área da dança, culminando na performance com a qual trabalha

[1] A lei se refere a “Reserva aos negros 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União.” Acesso em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12990.htm

hoje: *Corponegra*[2]. Esta performance, que foi criada em 2018, já foi apresentada por Larissa em diversos espaços e mostras culturais de Fortaleza, incluindo o encerramento do MNR de 2019. Nela, a ex cursita fala por meio da dança sobre o corpo negra, como o título já diz, sobre a vivência de mulheres negras na área da performance. As leituras e trocas vividas pelas mulheres negras no curso, de acordo com Larissa, influenciaram seu processo de criação da performance.

Durante sua participação no Projeto Larissa também participou do Coletivo Natora, onde trabalhou de 2016 a 2019, desenvolvendo atividades principalmente nos bairros Carlito Pamplona e Pirambu, mas também em outros lugares de Fortaleza. Ela destaca que passou a levar suas vivências no curso para as ações desenvolvidas pelo Coletivo: “na época que eu estava no projeto eu também atuava com o Coletivo Natora. Então eu caminhava junto com essas duas coisas, o que eu vivia no curso eu também trazia pras ações que eu fazia.”

Nerice Carioca é comunicadora e hoje exerce sua profissão em uma ONG que trabalha com questões relacionadas aos Direitos Humanos. Ela ressalta que pauta questões de raça e gênero em sua atuação profissional e que está tendo uma experiência positiva por ter a possibilidade de abordar algumas questões com maior autonomia. Entretanto, pontua os desafios de abordar determinados temas: “Trabalhar com comunicação, prestando serviço para alguém é desafiador quando falamos em tocar em questões como racismo, machismo dentre outros tipos de violência. Mas o racismo é ainda mais complexo, porque as pessoas têm medo de se posicionar.” Nerice ressalta também a importância que a participação no curso teve na sua trajetória profissional e pessoal: “O curso foi de extrema importância na minha vida, estar junto com outras pretas lendo mulheres pretas é transformador.”

Uma das ideias primordiais do Projeto Mulheres Negras Resistem, de ser de, para e com mulheres negras, é um ponto comum destacado pelas cursistas, que ressaltam a importância de um espaço como este, que traz a possibilidade de se trocar experiências, aprender e ensinar mutuamente, fortalecendo mulheres negras, potencializando mais ainda suas ações e inspirando novos movimentos. Como Lara Denise ressalta, no curso “Compartilhávamos dores, lutas, mas também possibilidades e desejos.”

O processo formativo, que alia teoria e prática política, nos atravessa, fortalecendo nossas bases teóricas e dando sustento para nossas práticas cotidianas. E conhecer por meio de leituras e das formadoras o protagonismo feminino e negro é transformador. Fernanda Medeiros ressalta a importância do conhecimento coletivo: “Uma das maiores sedes, é o conhecimento, e ele tem sentidos e significados, portanto é potente, é mobilizador, é fortalecedor quando tem qualidade e é socializado, e isso o Mulheres Negras Resistem representa e faz concretamente.”

Um pouco do que (in)surge desse processo de partilha, de meses de construção coletiva, está expresso nas experiências relatadas pelas ex-cursistas da edição de 2018 e compartilhado aqui. São mulheres negras que acessam cada vez mais a academia e os serviços público e privados,

² Para saber mais sobre o trabalho de Larissa Paiva: <https://mapacultural.fortaleza.ce.gov.br/files/agent/21405/corponegra2.pdf>

levando suas demandas e pautas que lhes são essenciais, debatendo políticas públicas, invertendo uma lógica branca e colonial, possibilitando um giro epistemológico ao trazer autoras negras para suas pesquisas e por serem em si corpos negras ocupando estes espaços.

Somos mulheres negras nos movimentando, contribuindo para o movimento de outras, honrando as que vieram antes de nós, abrindo caminhos para as que virão. Não é à toa o fato de muitas considerarem o encontro no MNR como divisor de águas em suas trajetórias diversas. Trajetórias-águas, que ao se encontrarem crescem.

EDIÇÃO 2019

Na tentativa de romper com a lógica colonialista que nos impulsiona automaticamente a nos dispersar umas das outras, o processo de aquilombamento afetivo e intelectual “Mulheres negras resistem” no ano de 2019, conseguiu alcançar negras mulheres com trajetórias distintas que se reuniam quinzenalmente para se comprometer com o delicioso, e muitas vezes dolorido, exercício de abraçar suas subjetividades.

Romper com as amarras que a branquitude usa na tentativa de nos encarcerar, aqui podemos pensar em diferentes tipos de encarceramento, não é se limitar a criar estratégias para ressignificar o mundo branco mas elaborar o nosso próprio mundo, a partir de epistemologias que nos possibilitam visualizar outros caminhos possíveis, onde nossa intelectualidade não precise de autorização para ser validada, ela por si só existe, e é a faísca que nos direciona ao nosso (afro)futuro.

Estimuladas pelos sopros ancestrais de bravura sussurrados em seus ouvidos, e pela ideia de movimento trazida por Angela Davis e demais teóricas e ativistas estudadas no processo formativo, é que as negras mulheres do ciclo de 2019, que têm nomes, sobrenomes e trajetórias, produzem Ciência.

A partir deste capítulo, eu, Sara Oliveira, traço um diálogo sobre algumas das pesquisas elaboradas na edição “Nossos passos vêm de longe”, os projetos desenvolvidos por cada cursista se manifestam em diferentes áreas do conhecimento, a partir de seus diferentes campos de atuação, quebrando assim com a expectativa hegemônica de que mulheres negras são apenas uma categoria homogênea e que consequentemente expressam sua negritude de uma única forma, fantasia colonial que não se sustenta.

Um dos trabalhos elaborados ao longo do processo formativo é o da cursista Icleane Pinheiro de Carvalho, intitulado “De mulheres negras para mulheres negras: Até que ponto o colorismo define o protagonismo feminino negro?” desenvolvido no segundo semestre de 2019, está em

andamento e pretende ser apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso.

Quando pensamos no símbolo adinkra akofena como simbologia referência do Mulheres Negras Resistem, podemos associar a propostas como essa, é preciso coragem e bravura para trabalhar questões tão delicadas, já que as discussões em volta do colorismo não apresentam um único ponto, talvez isso torne a trajetória de jovens pesquisadoras negras como Pinheiro mais desafiadora e necessária.

Nesse sentido, a metodologia do trabalho não se dá a partir de concepções pré-concebidas, mas teoricamente bem fomentadas e a partir de diferentes pontos de vista que a pesquisadora terá por meio de entrevistas, acessando assim o que as pessoas compreendem sobre o conceito de colorismo. Um dos maiores desafios para o andamento da pesquisa é o fato de haver outras demandas como a vida acadêmica, o que exigiria uma melhor organização em relação ao tempo direcionado a escrita.

“Como seria a justiça se ela fosse mulher e preta?” é o título do trabalho de uma das cursistas mais jovens do ciclo de 2019, Mariana Costa Barros iniciou a proposta em outubro e finalizou em dezembro do mesmo ano, o trabalho foi apresentado no encontro de encerramento do processo formativo.

O projeto logo de início nos mobiliza a questionar o poder e a supremacia branca, esta que cria e elabora estrategicamente políticas de extermínio e encarceramento em massa da população negra, a pesquisadora apresenta dados evidenciando como o sistema de justiça criminal tem como base uma estrutura racista, em *“O que é encarceramento em massa?”*, Borges (2018) salienta que:

O sistema de justiça criminal tem profunda conexão com o racismo, sendo o funcionamento de suas engrenagens mais do que perpassados por essa estrutura de opressão, mas o aparato reordenado para garantir a manutenção do racismo e, portanto, das desigualdades baseadas na hierarquização racial. (BORGES, 2018 ,p 16)

Só então Mariana Costa busca apresentar situações reais de mulheres e homens negros que sofreram algum tipo de violência pelo mesmo sistema, como o caso de racismo sofrido pela advogada e palestrante Valéria dos Santos, algemada e presa injustamente durante uma audiência apenas por querer exercer a sua profissão, não por coincidência, Valéria foi uma das convidadas para a aula inaugural do Mulheres Negras Resistem no ano de 2019, e para além das narrativas de dor que o racismo nos coloca, é gratificante ver como as trajetórias de Mariana e da Advogada de algum modo se inter cruzaram nesse processo.

Uma das maiores dificuldades para a realização da pesquisa, segundo Mariana, foi em relação a coleta de dados e na busca de exemplos de mulheres negras que estavam ocupando cargos no magistrado, já que o

número é bastante escasso. No livro *“O que é encarceramento em massa?”* Juliana Borges apresenta alguns dados do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais onde evidencia que: 84,5% dos juízes, desembargadores e ministros do Judiciário são brancos, enquanto 15,4% negros, e 0,1% indígenas.

Isso nos faz refletir que a raiz do problema não está apenas na seletividade punitiva do sistema penitenciário, mas sobre como o Sistema de Justiça Criminal negocia a cor dos corpos que ocupam o poder de julgar e decidir sobre a vida de pessoas negras.

Os cargos públicos responsáveis pelas tomadas de decisão no Brasil são majoritariamente constituídos por um público branco, masculino e cis-heterossexual, e são os maiores responsáveis pela manutenção do poder em uma sociedade hegemônica, a partir desse panorama surge a necessidade da presença de mulheres negras que tensionam esse cenário a partir de pesquisas como a da Mariana Vieira Lacerda, com o título *“Mulheres Negras nas Políticas”*.

O projeto foi estimulado no decorrer do curso e está em andamento, segundo Vieira a proposta seria apresentar dados sobre mulheres negras na política com o objetivo de contribuir para o fortalecimento da presença desses corpos nesse espaço de tomada de decisão e atuação, trabalhos como esse nos fazem refletir e questionar a falsa democracia que emerge de um Estado brancocêntrico. Esse cenário nos mobiliza a caminhar para além das narrativas de representatividade da mulher negra na política, nosso compromisso é exigir minimamente a nossa presença nesse espaço.

Não muito distante dos desafios enfrentados pelas cursistas anteriores, uma das maiores dificuldades encaradas no desenvolvimento do projeto é o desafio de conciliar algumas demandas, como o trabalho, os estudos e o tempo dedicado à pesquisa, entretanto, podemos dizer que Mariana consolida sua pesquisa cotidianamente enquanto mulher negra ativista, atuando como sujeito político e utilizando de ferramentas como o Youtube para promover alguns debates e discussões sobre feminismo, política e outras inquietações.

Um outro projeto apresentado no encontro referente ao encerramento do processo formativo foi *“Narrativas insurgentes: Racismo, infância e representação em O olho mais azul, de Toni Morrison”* produzido por mim, Sara Maria Silva de Oliveira. A proposta ainda está em andamento e tem o objetivo de dialogar sobre os impactos do racismo no adoecimento de crianças negras na obra da autora afro-estadunidense Toni Morrison.

Trabalhos como esse nos alertam, a partir de nossas experiências com Literaturas, sobre o quanto estamos sujeitos(as) a violentas narrativas que ferem nossas subjetividades, prezando sempre pelo exercício narcisista de idealização de autoras e autores do cânone, em sua maioria mulheres e homens brancos, que historicamente, exerceram o poder de definir quem somos, retirando de pessoas negras todo e qualquer aspecto de humanidade, talvez seja isso o que Chimamanda Ngozi Adichie nos alertou em *“O perigo de uma história única”*:

A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são

incompletos. Eles fazem com que uma história se torne única (ADICHIE, 2019, p 17)

[...] A consequência de uma história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza que somos diferentes, e não como somos parecidos. (ADICHIE, 2019, p 18)

Nesse sentido, o objetivo deste projeto não se finda ou se limita no exercício de análise, ele se entrecruza com um emaranhado de outros objetivos para além de propósitos acadêmicos, como a necessidade de estimular redes de escrita, reconhecendo narrativas de mulheres negras como fonte potente que nutre essas subjetividades, segundo Adichie (2019) “[...] quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso”.

Um dos desafios e dificuldades enfrentados ao decorrer da realização do trabalho, além excesso de outras demandas, foi em relação a insegurança no processo de escrita, talvez, muitas mulheres negras estejam em um processo de se reconciliar com esse lugar que nos foi retirado durante tanto tempo e que hoje seja uma das chaves que assegura a nossa permanência.

Uma das preciosas contribuições intelectuais e afetivas foi o projeto intitulado “De filha pra mãe: vivência e reconhecimento da negritude feminina”, concluído em meados de novembro e apresentado no último encontro do curso pela cursista Joelma Vieira de Carvalho, que apresentou sua trajetória enquanto mulher negra e mãe, diálogos que partiam desde sua infância às percepções de sua negritude junto a filha.

Os desafios e dificuldades que atravessaram Joelma ao longo do desenvolvimento do projeto foi a dificuldade na escrita e a insegurança no processo de produção, e talvez essa experiência seja bastante comum a muitas mulheres negras, que nos direciona à necessidade de transformar o silêncio em linguagem e ação como nos convoca Audre Lorde, em “*Uma ladainha pela sobrevivência*” autora nos adverte:

[...] e quando falamos nós temos medo
nossas palavras não serão ouvidas
nem bem-vindas
mas quando estamos em silêncio
nós ainda temos medo

Então é melhor falar
tendo em mente que
não esperavam que sobrevivêssemos

Outra reflexão que se parte dessa proposta é sobre, segundo Kilomba (2019), a “urgente tarefa de descolonizar a ordem eurocêntrica do conhecimento”, em um universo que idealiza uma pesquisa apática, que cisma pelo mito da objetividade e pelo falso universalismo, falar sobre nossas experiências e nossa afetividade é dismantelar as ferramentas de poder do conhecimento hegemônico, nesse sentido, nossa experiência também faz parte do nosso arcabouço intelectual assim como o nosso sentir funciona como um dos mais potentes aspectos de nossa humanização.

O projeto intitulado “Eu mulher negra e cristã: desafios e possibilidades” da cursista Gisliene Soares Rodrigues dos Santos, foi uma das propostas apresentadas a turma e as formadoras que estavam compondo a banca avaliadora, o objetivo do trabalho era o de analisar o racismo e sexismo nas igrejas evangélicas, e de compreender que essas relações não se dão de forma homogênea e universal.

Gisliene Rodrigues, como mulher negra e cristã, não estava interessada em construir um olhar romântico e idealizado sobre o lugar onde estava inserida, mas a possibilidade de propor um diálogo sobre suas percepções enquanto sujeito que reflete sobre as opressões que atravessam a sua subjetividade em determinado espaço. Nesse sentido, acreditamos que a atuação de cursistas como Gisliene ao longo do desenvolvimento de suas pesquisas exigiu a coragem de questionar instituições que tem como base, uma percepção de mundo eurocristã, branca e masculina.

Limitar as nossas pesquisas ao exercício de trabalhar apenas com feridas coloniais é, no mínimo, muito simplista e equivocado, nossas propostas dizem respeito a criação e reinvenção de outras configurações de mundo, é sobre nossa possibilidade de reelaboração e resiliência, é nessa perspectiva que Maiara Ferreira da Silva se propõe a realizar seu trabalho intitulado “Saúde mental e Mulheres Negras: Percepções a partir das falas de mulheres inseridas no Processo Formativo Teórico-Político Mulheres Negras Resistem”.

Em uma sociedade racista e patriarcal, quem cuida das mulheres negras? É a partir desse questionamento que podemos refletir sobre fatores que propiciam o adoecimento desses corpos, nesse sentido, o processo formativo reconhece a dor do racismo em nossas vidas, mas não se limita a ela, pois tem sido a nossa possibilidade de aquilombamento curativo, onde a teoria tem se tornado uma arma combativa.

EDIÇÃO 2020

Agora iremos conhecer um pouco sobre os projetos, atividades e outras ações desenvolvidas pelas cursistas da edição 2020, e é importante salientar que durante a elaboração desta comunicação e a coleta de dados para este levantamento a formação do MNR ainda estava ocorrendo. Esta informação é crucial para compreender que algumas

ações ainda estão em planejamento ou em estado de lapidação inicial, e por aqui nós celebramos o nascimento de novas ideias que buscam promover melhorias na vida da população negra.

Eu, Joice Lima elaboro parte desse capítulo dedicando meus esforços a contemplar todas as minhas colegas do MNR de maneira justa, mas com a plena certeza de que possíveis equívocos podem ocorrer.

No caminhar do texto iremos observar a pluralidade e a potência criativa de nossas cursistas que dão base para o nosso protagonismo negro e feminino nas mais variadas áreas da capital Fortaleza e de outros municípios do estado do Ceará, levando em consideração que as informações contidas aqui são apenas uma pequena parcela de tudo que diz respeito ao nosso protagonismo.

Mesmo com muitas dificuldades enfrentadas neste cenário pandemico, nessa reta final contamos com vinte cursistas e uma grande variedade de ações e propostas criadas, desenvolvidas e executadas mesmo em meio ao caos. Com informações levantadas por meio de formulário eletrônico, email e outros modos de interação virtual tentarei expor aqui os desdobramentos dos projetos elaborados.

As temáticas que integram e estruturam os projetos e/ou ações desenvolvidas pelas cursistas ao longo da formação são bem diversificadas, dentre os principais objetivos estão: partilhar os ensinamentos recebidos durante a formação entre mais pessoas negras, conhecer a realidade de muitas outras mulheres negras que ainda seguem em anonimato, levantar dados sobre a realidade da mulher negra cearense, contribuir para que outras semelhantes também tenham a possibilidade de enxergar o próprio protagonismo, contar a nossa própria história, fortalecer a nossa identidade individual e coletiva, e tantos outros que visam articular a teoria a nossa vivência enquanto pessoas negras.

Nossas cursistas que também são professoras, formularam tanto projetos como atividades que estão intimamente ligadas ao espaço educador, a crianças e jovens com foco na troca aluno-professor e também entre os colegas de trabalho para aquelas que atuam na escola, compartilhando novas referências, metodologias e lançando novas propostas de ensino. Para além da ocupação desse espaço e o desejo de transformação do mesmo, essas mulheres também se interessam em adotar novas práticas de ensino dentro de casa, em suas comunidades, e todo lugar que ocupam. Diretamente do bairro Bom Jardim em Fortaleza, a professora-cursista Lorena Vieira que também trabalha com reforço escolar garantindo o suporte nas atividades escolares de crianças da sua comunidade disse o seguinte:

(...) pensei em uma forma de usar tudo o que eu aprendi no projeto no meu dia a dia com os meninos que eu dava reforço, tanto no preparo de atividades e etc quanto na oralidade mesmo, mas acabou que não tive como pensar em algo concreto pra desenvolver uma vez que não tinha mais as crianças no reforço por conta da pandemia (...)

Outro exemplo que confirma o que foi exposto é o *Projeto de Igualdade Racial Através de Oficina de Escrita de Cordel*, com autoria da professora-cursista Gilvaneide de Souza Santos, e que tem o objetivo de promover a discussão em sala de aula sobre raça utilizando o cordel, literatura que é um marco da cultura nordestina onde se trabalha a escrita com rimas. E que tem previsão para ser posto em prática quando as aulas presenciais retornarem, tendo como público alvo os alunos do 6º ao 9º ano, entre 11 e 16 anos de idade na escola Dom Manuel da Silva Gomes, no bairro Montese em Fortaleza. A literatura de cordel também foi incluída no nosso referencial teórico durante a formação, com o livro da escritora cearense Jarid Arraes *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis*, uma obra que apresenta trajetórias de mulheres negras que foram apagadas, vale a pena conhecer.

Além do cordel, outras formas de expressão artísticas estão inseridas nos projetos, como a poesia, arte visual digital e música. O projeto *Justiça Restaurativa*, com foco nas narrativas negras através da poesia, foi elaborado por Clarisse Alexandre de Lima e levará a poesia a mulheres privadas de sua liberdade física. O mesmo está sob análise nos órgãos de segurança do estado do Ceará, e se for aprovado, será executado na Penitenciária Feminina Auri Moura Costa, localizada na cidade de Itaitinga, na região metropolitana do Ceará. A autora relata também dificuldades burocráticas e a resistência do estado em um parecer final, já que esse não tem nenhum interesse em uma política de justiça restaurativa, e sim uma política racista punitiva. Segundo Juliane Borges (2018) em seu livro “Encarceramento em massa”, no Brasil “68% das mulheres encarceradas são negras”. Só esse único dado já nos dá uma breve dimensão da importância da criação de projetos como esse.

A identidade visual do projeto MNR foi reformulada pela cursista Suellem Cosme, que também está presente aqui na elaboração deste e-book, todo o material criado por ela foi divulgado nas redes sociais do projeto MNR. Suellem é graduanda em design pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Sobre o desenvolvimento do seu projeto e o seu processo de criação, ela diz:

A maior dificuldade foi perceber que ainda estava presa a metodologias eurocêntricas do design que foram apresentadas a mim no curso na UFC, tentei me divertir mais, usar materiais que tinha em casa e pesquisar mais sobre arte africana e símbolos adinkra, felizmente deu tudo certo!

Em suas palavras é possível ver que o mergulho em suas raízes africanas foi fundamental para a expansão do seu talento, e o resultado disso foi compartilhado com as demais cursistas e o restante do mundo, levando essas referências a outras pessoas negras.

A música de Rincon Sapiência no processo de autoconhecimento de uma jovem negra, é o tema do projeto de pesquisa que eu, Joice Lima apresentei no XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra promovido pela Universidade Regional do Cariri (URCA), e que

posteriormente irá ser publicado no e book do evento. A pesquisa foi construída na cidade de Guaiúba, região metropolitana, e os planos são para o seu ampliamiento para que posteriormente essa pesquisa seja meu trabalho de conclusão de curso. A questão central dessa pesquisa é buscar compreender como a produção artística (nesse caso musical) de um cantor/compositor negro vai impactar no processo de auto conhecimento de uma outra pessoa negra. Os resultados desse trabalho irá nos possibilitar ver as possibilidades que podem acontecer entre pessoas negras quando se movimentam em busca de conhecer a si mesmo.

Seguindo nesse viés acadêmico, *Construindo redes afetivas e teóricas: relato de experiência sobre o projeto Mulheres Negras Resistem* foi mais um projeto que foi desenvolvido para a submissão do mesmo congresso citado anteriormente, feito coletivamente, formulado e escrito a seis mãos, por mim, Laise de Matos e Larisse Santos. Embasadas no referencial bibliográfico usado no MNR, em conjunto com os relatos das demais cursistas a respeito da sua experiência durante a formação em meio ao cenário pandêmico. Experiência enriquecedora para as três cursistas autoras que estão desenvolvendo suas carreiras acadêmicas.

Mais um projeto que também traz a questão da música é a pesquisa de mestrado em sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), construído pela mestrandia Larisse Santos, com o título: Ensino de música em margens urbanas: um estudo sobre os jovens pretos atendidos pelo Instituto Beatriz e Lauro Fiúza, desenvolvida em Fortaleza no bairro Conjunto Jardim União 2 - Passaré, que teve início em Março e está em andamento. Sobre o processo de construção do seu projeto a autora diz o seguinte:

(...)tem sido um processo de descobrimento de teóricos, teóricos que parecem comigo e que falam sobre coisas que vivi e vivo. Venho do Serviço Social e no mestrado em Sociologia vejo essa questão racial trabalhada com mais afinco. Venho me descobrindo com os aprendizados. (Larisse Santos)

Além disso, em parceria com sua amiga, Gabriele, a cursista Larisse também cria e compartilha conteúdo no perfil @cachospormenos na rede social Instagram, que fala sobre cabelos cacheados, transição capilar, técnicas de cuidado e outros assuntos relacionados aos cachos.

O seguinte projeto de pesquisa *A hipersexualização de discentes negras da Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)*, tem autoria da cursista Nádia Amaro do Carmo e foi enviado ao Programa de Pós-graduação em Antropologia UFC/UNILAB como requisito para aprovação em uma das etapas do mesmo.

Para além dos muros da academia o projeto *“Ciência e Periferia: interlocutando saberes”* da cursista Francisca Robervânia Soares nasceu no Conjunto Barroso 2, Bairro Passaré. E tem como objetivo tentar fazer com que o conhecimento científico chegue com uma linguagem que facilite a compreensão de termos técnicos da área das ciências

biológicas, abordando temas sobre parasitologia, microbiologia, cuidados de higiene, e informações sobre doenças infecciosas e como podem ser prevenidas.

Tecendo histórias é como se chama o projeto que está sendo desenvolvido pela cursista Livia Goes que também é psicóloga, e sobre sua criação ela diz o seguinte:

Penso em formar um grupo para mulheres negras com cunho terapêutico, para que nesse grupo, possamos trabalhar questões relacionadas a identidade de cada uma (não enquanto grupo e sim individualmente) e a partir disso, trabalhar no viés grupo o que surge no viés individual.

Levando em consideração os graves danos psíquicos causados pelo racismo, iniciativas como essa podem ser uma oportunidade para compreender e tratar traumas ocasionados por ele que até então podem ser desconhecidos a quem vir a participar desse grupo.

A cursista Geovana Monteiro quer saber mais sobre a situação de mulheres negras que tiram seu sustento a partir da realização de atividades informais na capital cearense, desse modo criou o projeto *A mulher negra no mercado informal* no centro de Fortaleza.

Nesse contexto em que estamos vivendo a internet tem sido amplamente utilizada para diversos objetivos e tem se tornado cada vez mais necessária em nossa sociedade, principalmente em meio ao isolamento social exigido pelo momento que vivenciamos. Um desses objetivos é na produção e disseminação de conhecimento sobre os mais diversos temas que podem ser acessados e publicados de qualquer parte do mundo. Nesse sentido, a cursista Maria Elvira Silva diretamente do Bairro Siqueira, Jardim Jatobá pensou na criação do “*cafépurpura blog*” como espaço de troca de saberes e experiências sobre o universo da comunidade negra.

Outras ações foram desenvolvidas a partir de atividades lançadas pelas formadoras Zelma Madeira e Joalice Conceição, respectivamente. A primeira propôs que em grupo ou individualmente as cursistas elaborassem possíveis ações para o enfrentamento às desigualdades raciais e o racismo na realidade cearense. O que fazer?

De modo resumido o resultado disso foi a apresentação de propostas de ações que visavam a formação dos profissionais das instituições públicas de ensino, em todos os níveis e que poderiam ser de modo virtual e/ou presencial, além da elaboração de atividades pedagógicas, que tenham a finalidade em abordar a luta antirracista desde a infância, e que possa circular de forma itinerante em escolas da rede pública do estado do Ceará. Quase todas as ideias tinha como plano de fundo a atuação nos espaços educacionais.

A formadora Joalice Conceição sugeriu a criação de três projetos para serem produzidos em grupo, para a primeira equipe a ideia era criar um

programa de rádio que abordasse sobre a diversidade religiosa no país, destacando o protagonismo feminino e negro nas religiões de matrizes africanas. As cursistas Larisse Santos, Lidiane Chaves, Maria Elvira, Maria Borges e eu reformulamos a ideia inicial e assim nasceu o podcast Afro Ancestral. O primeiro e único episódio produzido foi postado em um perfil criado em uma plataforma de streaming, e foi ao ar dia 25 de julho, dia nacional de Tereza de Benguela e da Mulher negra. No momento suas atividades estão paralisadas devido a incompatibilidade na agenda e na disponibilidade do grupo, sem previsão para sua continuidade.

Para o segundo grupo a sugestão era a de criar um jogo de perguntas e respostas com a imagem de mulheres negras que são de religiões de matrizes africanas em Fortaleza. A partir disso as cursistas Sley Silva, Gisele Oliveira, Lorena Vieira, Suellem Cosme, Dani Nascimento, Robervânia Soares, Isabella Epifânio, Laise Matos e Nádia Amaro construíram o quiz Munere, com perguntas relacionadas a biografia e a trajetória religiosa dessas mulheres que exercem o seu protagonismo dentro dos espaços sagrados de terreiro.

Por último e não menos importante, a ideia lançada foi promover uma gincana com símbolos ligados às divindades femininas negras, desse modo foi criado o projeto e o regulamento da I Gincana Virtual das Yabás, pelas cursistas Clarisse Alexandre, Geovana Monteiro, Izabel Sousa Araujo e Lívia Goes Oliveira. Essas atividades possibilitaram exercer nossa criatividade, enquanto nos referenciamos em outras mulheres negras e em nós mesmas, e também causaram uma maior reflexão sobre a realidade cearense em que estamos inseridas.

É possível visualizar alguns pontos em comum em tudo que foi produzido pela turma, como a utilização da internet sendo a principal plataforma de comunicação entre nós e para o desenvolvimento e a execução das ações aqui apresentadas. A experiência positiva que tivemos na troca de saberes entre mulheres negras, faz com que queiramos vivenciar novas experiências tão boas quanto essa com outras pessoas negras e isso reverbera no nosso cotidiano e no contexto social ao qual estamos inseridas. O desejo em ampliar a visibilidade sobre nossas narrativas, ecoam no nosso interior e quando ganham vida fortalecem nossa negritude enquanto ser e enquanto um povo. O interesse no resgate de nossas raízes e em nossa consolidação identitária tem estado na base da criação de todos os projetos aqui expostos. hooks (2019) fala sobre como a supremacia branca determina como olhamos para si e para nossos semelhantes, e sobre o desejo de brancura que nos é introjetado, daí a necessidade de descolonizar a mente e resgatar o amor a nossa negritude de modo individual e principalmente coletivo.

O cenário que temos desde o início da pandemia torna a vida de pessoas negras ainda mais desafiadora e isso exigiu de nós uma série de mudanças e adaptações, dentre elas o ensino remoto, prática que vem sendo adotada seguindo as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS) para evitar a aglomeração de pessoas e a circulação do coronavírus (SARS- CoV-2). Isso vem demandando um

enorme esforço para garantir que o processo de aprendizado ocorra, além da necessidade de se ter acesso a uma aparelhagem eletrônica que possibilite a conexão com o mundo virtual. Não cabe aqui a romantização sobre o extremo esforço exercido por nós mulheres negras para se ter acesso ao mínimo do que desejamos ter, além disso, a educação é um bem que deve ser acessível a todos de maneira justa.

Foi unânime que entre as maiores barreiras estavam as incertezas, as dificuldades e a instabilidade intensificadas pela pandemia. Diversos setores da sociedade paralisados, o medo em se contaminar, o medo de morrer, o medo em perder os nossos para o vírus, a ausência da nossa presença física durante os encontros, e o tenso cenário político dentre tantas dificuldades, gerou um grande desgaste em todas nós, dificultando nosso processo de aprendizagem e a nossa permanência, ainda assim mesmo com tudo que foi posto, seguimos. E o que motivou essa permanência? Alguns trechos a seguir mostram aspectos que as cursistas consideram importantes destacar sobre a experiência que estão vivenciando no MNR:

O projeto foi uma das únicas coisas virtuais que frequentei continuamente ao longo do período de isolamento social por de fato gostar, e não por obrigação. Apesar da modalidade remota ter me frustrado inicialmente, muitas vezes nossos encontros eram um refúgio para mim. (Resposta 8)

Participar do Projeto Mulheres Negras Resistem foi transformador para mim, pois pela primeira vez na vida tive esse contato com pessoas tão potentes e inspiradoras, cada uma com a sua personalidade e histórias. Me refiro às minhas colegas de curso como também as professoras que participaram dos encontros e o comprometimento incrível da Ariadne e da Prof. Vera Rodrigues. (Resposta 2)

Foi um processo incrível, aprendi muito com as formadoras e refleti muito sobre quem eu era, quem queria ser, sobre o que estava produzindo e para quem. (Resposta 3)

Com isso podemos pensar a respeito de como nossa união é potente, e como estamos conseguindo atravessar essa tempestade juntas e comprometidas umas com as outras, em uma verdadeira rede afetiva, teórica e política.

É possível que estejam ausentes aqui ideias, projetos e/ou ações que talvez não tenham sido identificadas como atos importantes que marcam nosso protagonismo, já que o racismo, machismo e outras opressões ao

qual somos submetidas ao longo de toda a vida interfere completamente em como olhamos para si e para a potência que somos. Ou que por outros motivos pessoais alguma cursista não tenha se sentido à vontade para compartilhar conosco, o que é totalmente compreensível, pois cada uma vivencia um processo único e especial sendo protagonista da sua própria história a sua maneira, e respeitando a si mesma.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michael. A Linguística textual: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.
- ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma história única. ed. 1ª Companhia das Letras, 2019.
- BORGES, Juliana. Encarceramento em massa / Juliana Borges . -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Polen, 2018.
- BORGES, Juliana. O que é encarceramento em massa? / Juliana Borges. - Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.
- COLLINS, Patrícia H. Black Thought Feminist. Routledge, 1990.
- GRILO, Nathalia. A arte do Ventre. 1ª Edição revista DiCheiro. Bahia, Maio de 2020.
- GONÇALVES, A. Suelen. Estado “Democrático e de Direito” para Quem? Identidades para uma Construção de Democracia para a População Negra no Brasil. In: Winnie Bueno [et al]. Tem Saída?: ensaios críticos sobre o Brasil. Porto Alegre, RS: Zouk, 2017, p. 137-246.
- GONZALEZ, Lélia. “O Golpe de 64: o novo modelo econômico e a população negra”. In: GONZALEZ, Lélia. Lugar de Negro. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4130746/mod_resource/content/1/Gonzalezhasenbalg%281982%29Lugar-de-negro.pdf. Acesso em: 05 set. 2019.
- hooks, Bell. Amando a negritude como resistência política. In: _____. Olhares negros: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019. p. 44-63.
- KILOMBA, Grada, 1968 - Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano / Grada Kilomba ; tradução Jess Oliveira. - ed. - Rio de Janeiro : Cobogó, 2019.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder soberania estado de exceção política da morte. Arte & Ensaios | revista do ppgav/eba/ufrj | n. 32 | dezembro 2016.
- PIEIDADE, Vilma. Dororidade. São Paulo: editora Nós, 2017.
- RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro. São Paulo: Cia das Letras, 2018.
- RIOS, Ariadne M. R.O. Ser negra e negro em Fortaleza/Ceará: uma análise interdisciplinar sobre desigualdade sociorracial e sociobiodiversidade. Redenção, 2019.
- ROSA, Iara. Abdias Nascimento, Sankofa. Disponível em: https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/?content_link=6. Rio de Janeiro, Outubro de 2011.